

**Isaiás previu  
algo a respeito  
de Jesus?**



*Profeta Isaiás*

**Paulo Neto**

# Isaías previu algo a respeito de Jesus?

(Versão 7)

*“Todos nós precisamos examinar nossas crenças e práticas religiosas de tempos em tempos, para ver até que ponto são governadas, não pela inteligência e liberdade espiritual, mas por hábitos de infância e tabus aprendidos na adolescência”. (TOM HARPUR)*

**Paulo Neto**

*Copyright 2016 by*

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<http://2.bp.blogspot.com/-BI36aQxzxx8/TsPiiRgnt9I/AAAAAAAAABIY/28IJeID5tHE/s1600/ISA%25C3%258DAS6.BMP>

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

Belo Horizonte, maio/2016.

## ÍNDICE

Introdução.....	4
Informações sobre Isaías.....	12
Passagens citadas como realização de algum evento previsto por Isaías.....	38
Evangelho de Marcos.....	38
Evangelho de Mateus.....	45
Evangelho de Lucas.....	138
Evangelho de João.....	153
Atos dos Apóstolos.....	155
Carta aos Romanos.....	160
Primeira Carta aos Coríntios.....	164
Primeira Carta de Pedro.....	166
Conclusão.....	169
Referências Bibliográficas.....	178
Dados biográficos do autor.....	184

## Introdução

Estamos juntando num só local tudo quanto se refere ao profeta Isaías que consta de nosso ebook

***Os Profetas Previram Episódios da Vida de Jesus*** <sup>(1)</sup> Certamente,

que, na medida que for útil, acrescentaremos novos elementos

visando apresentar aos nossos leitores um maior número de informações.

Nosso principal objetivo é deixar evidenciado que todas as passagens bíblicas constantes do Novo Testamento e, especialmente, as que colocam Jesus na condição de “*servo sofredor*” citado em Isaías, que, como veremos, é o próprio povo de Israel.

Mencionaremos alguns trechos da “Introdução”



do livro de Isaías para que você, caro leitor, não fique muito perdido a respeito da obra e do seu autor.

Não sabemos como encontraram tantas profecias; inclusive, diga-se de passagem, que muitas não são propriamente o que se poderia chamar de profecia, já que são passagens relacionadas a fatos corriqueiros do dia a dia das respectivas épocas, não sendo, portanto, uma previsão para um acontecimento futuro.

Acreditamos que, no desenrolar desse estudo, ressaltaremos algumas delas, a fim de que, você, leitor, possa ter elementos suficientes para tirar suas próprias conclusões.

Então, julgamos que uma profecia feita para um povo deve interessar a esse mesmo povo que vive; e não a um outro do futuro; é isso que deveria valer. Se houver alguma profecia para um futuro longínquo, e pode mesmo ter havido uma ou outra, ela somente terá sentido se, repetimos, tiver sido escrita antes do acontecimento dos fatos a que ela se refira.

E, assim mesmo, torna-se duvidosa, como no caso das “profecias” de Nostradamus (1503-1566), astrólogo e vidente francês, que os seguimentos religiosos que justificam a existência das relativas a Jesus, porém, negam as de Nostradamus, ainda que feitas e escritas antes dos acontecimentos dos fatos a que as deste se referem. Dizemos isso apenas para fins de argumento, pois, particularmente, não acreditamos que sua coleção de 942 quadras poéticas, realmente, sejam predições de eventos futuros (²).

O curioso é que, com o tempo, acabamos encontrando respaldo para esses nossos questionamentos em Bart D. Ehrman autor da obra **Problema Com Deus** (2008);

[...] **Muitas pessoas hoje**, principalmente os cristãos conservadores, **leem os profetas como se eles fossem videntes prevendo em bolas de cristal acontecimentos ainda por vir em nossa própria época, mais de 2 mil anos distante da época** em que os profetas estavam falando. Essa é uma abordagem absolutamente egocêntrica da Bíblia (tudo diz respeito a mim!). [...].

[...] **Eles não estavam falando sobre o**

**que iria acontecer a longo prazo, milhares de anos depois de sua época. Estavam falando para as pessoas que viviam em sua própria época e dizendo a elas o que Deus esperava delas e o que faria caso não obedecessem.**

Como regra, os profetas acreditavam que haveria terríveis consequências para aqueles que não seguissem suas instruções, dadas por Deus. Para eles, Deus era soberano sobre seu povo e estava decidido e determinado a garantir que se comportasse adequadamente. Se não fosse assim, ele iria puni-lo – assim como tinha punido antes. Ele podia provocar secas, fome, dificuldades econômicas, revezes políticos e derrotas militares. Acima de tudo, derrotas militares. O Deus que tinha destruído os exércitos egípcios quando resgatara seu povo da escravidão iria destruí-lo caso não se comportasse como seu povo. Portanto, para os profetas, os revezes que as pessoas experimentavam, muitas das dificuldades que enfrentavam, muito de seu sofrimento, eram impostos diretamente por Deus, como uma punição por seus pecados e um esforço para levá-las a mudar. [...]. <sup>(3)</sup>

É importante lembrar, porém, que eles **[Isaías e Jeremias], e todos os profetas, estavam falando ao povo de sua própria época**, orientando-o na palavra do Senhor, estimulando-o a retornar a Deus e recitando o destino terrível que esperava pelo povo se

não fizesse isso. [...]. <sup>(4)</sup>

Devo insistir em que os próprios profetas nunca afirmam isso como um princípio universal, como uma forma de explicar *todos* os casos de sofrimento. Ou seja, **os profetas estavam falando apenas a seus contemporâneos sobre seu sofrimento específico**. [...]. <sup>(5)</sup> (itálico do original) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Bart D. Ehrman é um respeitável estudioso da Bíblia da atualidade, especialista no Novo Testamento.

O escritor, jornalista e historiador Paul Johnson (1928-2023), um católico conservador, autor de ***História do Cristianismo*** (1976), dá-nos conta das manipulações dos textos bíblicos, visando ajustá-los às (supostas) profecias do Antigo Testamento:

**Manipulações manifestas** como essa não devem ser consideradas uma fraude deliberada, perpetrada com a intenção de iludir e ofuscar a verdade. **Elas ocorrem ao longo de toda a história do cristianismo, até a Renascença e mesmo depois**, e derivam de um conceito da natureza da prova documental que nos é alheio. Assim, um

escriba zeloso, crendo sinceramente que a doutrina da Trindade era verdadeira, acreditava não passar de um acidente ou lapsos o fato de não ter sido explicitada em 1 João, e, portanto, considerava seu dever remediar a questão. Estava apenas realizando um trabalho construtivo em favor da verdade! **Quando esses acréscimos são tardios o bastante, são facilmente identificados e removidos pelos estudiosos de hoje.** Quanto antes tivessem sido inseridos, mais difícil tornar-se-ia sua detecção. **E, claro, depois de certo ponto, que tem lugar no princípio do século II, já não há qualquer possibilidade de limpar o texto.** Ademais, mesmo que se dispusesse dos textos perfeitos e originais dos evangelhos, estes não nos protegeriam dos esforços de criar uma “verdade construtiva” por parte dos próprios evangelistas, bem como de suas fontes orais. **Tais tentativas ficam particularmente óbvias quando os evangelistas põem-se a alinhar ou modelar acontecimentos da vida de Jesus a fim de enquadrarem nas profecias do Antigo Testamento: aí, a tentação de criar – e, portanto, de falsificar – é clara, e estamos em guarda.** Também somos felizardos por dispor, mesmo dentro do cânon, **quatro narrativas evangélicas, extraídas de uma variedade de fontes, cujos conflitos escandalosos são indicadores de áreas de verdade dúbia.** O mais óbvio refere-se às origens de Jesus:

assim, sua linhagem davídica, necessária para seu papel, **é traçada por meio de José, muito embora isso seja incompatível com a teoria ou fato do nascimento pela virgem.** Há, ainda, contradições importantes quanto aos movimentos de Jesus durante sua missão, sobretudo sua visita ou visitas a Jerusalém, e tampouco os diversos relatos da Última Ceia podem ser conciliados com facilidade. (6)

Isso é para nós algo importante, pois demonstra que o caminho que estamos tomando, ao fazer uma análise crítica do tema, já foi trilhado por outras pessoas bem mais competentes que nós; portanto, se somos “heréticos”, estaremos em boas companhias.

E, especificamente, quanto à questão das profecias sobre Jesus, em **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada** (1997), argumenta o jornalista espanhol Pepe Rodríguez:

[...] A figura mítica de Jesus era demasiado frágil para dispensar toda e qualquer base *profética*. Se o deus bíblico não permanecia constante, tornava-se, de facto, impossível fazê-lo prometer nuns livros

o que havia de realizar nos subsequentes. **Convém não esquecer que o maior trunfo que jogou o judeo-cristianismo primitivo junto das massas incultas, e lhe garantiu uma efectiva expansão no seu seio, foi a *demonstração* de que em Jesus se haviam realizado as promessas divinas mais importantes de todas quantas os profetas haviam anunciado, ao longo dos séculos precedentes.** (7) (itálico do original)

Vemos que a tentativa de ligar Jesus aos textos do Antigo Testamento tinha o objetivo de conquistar a “massa inculta”, que, parece-nos, está refletindo até os dias atuais.

Verificamos, com surpresa, que a grande maioria das supostas profecias citadas do Antigo Testamento consta no livro de Isaías, com 23 ocorrências de 48, ou seja, 47,92%, sobre as quais faremos algumas considerações.

## Informações sobre Isaías

Conforme a **Bíblia Sagrada - Ave-Maria**, o profeta Isaías teria:

Nascido pelo ano 760, de uma família nobre do reino de Judá, foi **chamado por Deus no ano 740 ao ministério profético, que exerceu por cerca de 50 anos.** <sup>(8)</sup>

Da **Bíblia de Jerusalém**, tópico “Os Profetas”, transcrevemos:

O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. [...] **Nada mais sabemos da carreira de Isaías depois de 700.** Conforme uma tradição judaica, ele teria sido martirizado no tempo de Manassés.

[...] **Isaías é o profeta da fé** e, nas graves crises que a nação atravessa, pode que confiem só em Deus: é a única oportunidade de salvação. Sabe que a provação será dura, mas esperava que sobreviva um “resto”, do qual o Messias será o rei. Isaías é o maior dos profetas messiânicos. **O Messias que ele anuncia é um descendente de Davi**, que fará reinar sobre a terra a paz e a justiça,

e difundirá o conhecimento de Deus (2,1-5; 7,10-17; 9,1-6; 11,1-9, 28,16-17). <sup>(9)</sup>

Na “Introdução” a Isaías, constante da **Bíblia do Peregrino**, encontramos a informação de que:

O ministério profético de Isaías corresponde aos reinados de Joatão (740-734), Acaz (734-727) e Ezequias (menor de idade 727-715; maior de idade 715-698). <sup>(10)</sup>

E na Introdução do Segundo Isaías (Dêutero-Isaías), lemos:

É hoje opinião comum que **os capítulos 40-55 são obra de um profeta anônimo** que exerceu o ministério entre os desterrados de Babilônia, durante a ascensão de Ciro (553-539). <sup>(11)</sup>

E, finalmente, na “Introdução” do Terceiro Isaías (Trito-Isaías), é informado:

**Atribuir o conjunto de capítulos 56-66 a um Terceiro Isaías ou Trito-Isaías** foi durante decênios opinião difundida, hoje abandonada. Alguns atribuíam ao Segundo Isaías toda a sessão 40-66; outros consideravam 56-66 **obra de um discípulo dele**. Hoje se pensa que formam uma

coleção planejada de oráculos heterogêneos.  
(<sup>12</sup>)

Da ***Bíblia Sagrada - Vozes***, colhemos estas informações:

A. O LIVRO DO PROFETA ISAÍAS (**Is 1-39**):  
[...].

[...].

Nos 39 capítulos relacionados com a missão do profeta Isaías [cap. 1 a 39] **encontramos textos de épocas posteriores, ajuntados pelos discípulos aos oráculos autênticos do mestre.** Os textos autênticos revelam-se na linguagem clara, nobre, vigorosa e concisa, que inspira autoridade, fé em Deus e compaixão pelo povo.

[...].

B. O LIVRO DA CONSOLAÇÃO (**Is 40-55**): **O livro é de um profeta anônimo**, chamado Dêutero-Isaías. [...].

[...].

Merecem destaque os “Cânticos do Servo do Senhor” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52-13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às**

**vezes parece ser Israel como povo**, ou enquanto elite; outras vezes um personagem qualquer. Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo.

C. O RETORNO DOS PRIMEIROS CATIVOS **(Is 56-66): A última coleção de oráculos é atribuída a um profeta anônimo, chamado Trito-Isaías**, cuja atividade provavelmente se coloca em Jerusalém, entre os anos 537 a 515 a.C. [...]. <sup>(13)</sup>

Vemos, portanto, que o livro de Isaías se divide em três partes, as duas últimas – Isaías 40-55 e Isaías 56-66 – são de escritores anônimos, em razão disso, entendemos, que não há base lógica e racional para se afirmar que eles tenham também sido profetas.

Especificamente, quanto a primeira parte – Isaías 1-39 –, diremos que nela existe “erva daninha”, levando-se em conta a afirmação de que *“encontramos textos de épocas posteriores, ajuntados pelos discípulos”*. Isso compromete sobremaneira o teor desse trecho, pois nem mesmo sabemos se o que nele consta veio, de fato, do profeta Isaías.

Na **Bíblia de Jerusalém**, em “Profetas”, os seus tradutores, em se referindo a Isaías, explicaram:

O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. Em 740, ano da morte do rei Ozias, ele recebeu, no Templo de Jerusalém, sua vocação profética, **a missão de anunciar a ruína de Israel e de Judá como castigo das infidelidades do povo** (6,1-13). Exerceu o ministério durante quarenta anos, **dominados pela ameaça crescente que a Assíria fazia pesar sobre Israel e Judá**. Distinguem-se quatro períodos entre os quais se pode, com maior ou menor certeza, distribuir os oráculos do profeta. – 1º Os primeiros datam do período de poucos anos entre sua vocação e a subida de Acaz ao trono em 736. **Isaías preocupava-se então sobretudo com a corrupção moral que a prosperidade tinha provocado em Judá** (1-5 em boa parte). – 2º O rei de Damasco, Rason, e o rei de Israel, Faceia, quiseram arrastar o jovem Acaz a uma coligação contra Teglath Falasar III, rei da Assíria. Diante de sua recusa, atacaram Acaz, o qual recorreu à Assíria. Isaías interveio então e debalde tentou opor-se a esta política por demais humana. Desta época data o “livrinho do Emanuel” (7,1-11,9 em grande parte, mas também 5,26-29 [?]: 17,1-6; 28,1-4). Após a falência de sua missão junto a Acaz, Isaías retirou-se da cena pública (cf. 8,16-18). – 3º

O recurso de Acáz a Teglat Falasar colocou Judá sob a tutela da Assíria e precipitou a ruína do reino do Norte. Depois da anexação duma parte do seu território em 734, a pressão estrangeira se agravou e, em 721, a Samaria caiu em poder dos assírios. Em Judá, Ezequias sucedeu a Acáz. Era um rei piedoso, animado do espírito de reforma. Mas as intrigas políticas renasceram e desta vez buscaram o apoio do Egito contra a Assíria. **Isaías, fiel a seus princípios, queria que recusassem toda aliança militar e que confiassem em Deus.** Com este começo do reinado de Ezequias estão relacionados 14,28-32; 18; 20; 28,7-22; 29,1-14; 2 30,8-17. Após a repressão da revolta e a tomada de Azoto por Sargon (20), Isaías voltou ao silêncio. – 4º Voltou a pregar em 705, quando Ezequias deixou-se levar a uma revolta contra a Assíria. Senaquerib assolou a Palestina em 701, mas o rei de Judá quis defender Jerusalém. **Isaías sustentou-o em sua resistência e prometeu o socorro de Deus; a cidade foi salva efetivamente.** Deste último período datam pelo menos os oráculos de 1,4-9 (?); 10,5-15. 27b-32; 14,24-27 e as passagens de 28-32 que não foram associadas ao período precedente. **Nada mais sabemos da carreira de Isaías depois de 700.** Conforme uma tradição judaica, ele teria sido martirizado no tempo de Manassés.

**Esta participação ativa nos assuntos de seu país faz de Isaías um herói nacional. É também poeta genial. O brilho do estilo, a**

novidade das imagens fazem dele o grande “clássico” da Bíblia. Suas composições têm força concisa, majestade e harmonia que jamais serão igualadas. Mas sua grandeza é antes de tudo religiosa. Isaías foi marcado para sempre pela cena de sua vocação no Templo, na qual teve a revelação da transcendência de Deus e da indignidade do homem. Sua ideia de Deus tem algo de triunfal e também de pavoroso: Deus é o Santo, o Forte, o Poderoso, o Rei. O homem é um ser manchado pelo pecado, do qual Deus pede reparação, pois Deus exige a justiça nas relações sociais e também a sinceridade no culto que se lhe tributa. Quer que o homem seja fiel. Isaías é o profeta da fé e, nas graves crises que a nação atravessa, pede que confiem só em Deus: é a única oportunidade de salvação. Sabe que a provação será dura, mas espera que sobreviva um “resto”, do qual o Messias será o rei. Isaías é o maior dos profetas messiânicos. **O Messias que ele anuncia é um descendente de Davi, que fará reinar sobre a terra a paz e a justiça, e difundirá o conhecimento de Deus** (2,1-5; 7,10-17; 9,1-6; 11,1-9; 28,16-17).

Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. **Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos.** O livro que traz o seu nome é o resultado de um longo processo de composição, **impossível de reconstituir em todas as suas etapas.** [...].

**O livro recebeu acréscimos mais consideráveis ainda. Os caps. 40-55 não podem ser obra do profeta do século VIII.**

Não só nunca é mencionado aí o seu nome, mas também o contexto histórico é posterior cerca de dois séculos: Jerusalém foi tomada, o povo se acha cativo em Babilônia, **Ciro já está em cena e será o instrumento da libertação.** Sem dúvida, a onipotência divina poderia transportar um profeta a um futuro longínquo, retirá-lo do presente e alterar as imagens e seus pensamentos. Mas isso supõe o desdobramento dos contemporâneos – para os quais ele foi enviado – os quais não têm paralelo na Bíblia e são contrários à própria noção de profecia, a qual não faz intervir o futuro senão como ensinamento para o presente. **Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo, continuador de Isaías** e grande profeta, como ele, o qual, na falta de um nome melhor, **chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías.** Pregou em Babilônia entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C. – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. [...].

[...] Os oráculos dos **caps. 1-39** eram geralmente ameaçadores e cheios de alusões aos acontecimentos dos reinados de Acaz e de Ezequias; os dos **caps. 40-55 estão desligados deste contexto histórico** e são consoladores. O julgamento cumpriu-se na ruína de Jerusalém, **o tempo da**

**restauração está próximo.** Será uma renovação completa e este aspecto é sublimado pela importância dada ao tema de Deus criador, unido ao de Deus salvador. **Um novo êxodo, mais maravilhoso do que o primeiro, reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, mais bela que a primeira.** [...].

**A última parte do livro (caps. 56-66) tem sido considerada como obra de outro profeta,** denominado “Trito-Isaías”, Terceiro Isaías. Hoje, geralmente se reconhece que é uma coletânea diversificada. [...]. <sup>(14)</sup>

O messias esperado por Isaías que viria em breve, não tem nada a ver com Jesus, como os tradutores querem nos levar a crer.

É oportuno vermos dos trechos citados no final do 2º parágrafo este que não listaremos no capítulo “Eventos ocorridos com Jesus que são considerados como previstos no Antigo Testamento”, na parte em que analisaremos as (supostas) profecias:

Isaías 2,1-5: ***“Visão de Isaías, filho de Amós, sobre Judá e Jerusalém:*** No final dos tempos, o monte do Templo de Javé estará firmemente plantado no mais alto dos montes, e será mais alto que as colinas. Para lá correrão todas as nações. Para lá irão muitos povos, dizendo: ‘Venham! **Vamos subir à montanha de**

**Javé, vamos ao Templo do Deus de Jacó, para que ele nos mostre seus caminhos, e possamos caminhar em suas veredas’.** Pois de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra de Javé. **Então ele julgará as nações e será o árbitro de povos numerosos.** De suas espadas eles fabricarão enxadas, e de suas lanças farão foices. Nenhuma nação pegará em armas contra outra, e ninguém mais vai se treinar para a guerra. Venha, casa de Jacó: vamos caminhar à luz de Javé.”

Na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, encontramos a seguinte explicação:

2,1-5: **Este oráculo é um acréscimo posterior** e relembra os temas do Terceiro Isaías (Is 56-66): **no futuro, os povos pagãos se dirigirão a Jerusalém para participar da Aliança, e então haverá paz definitiva.** O Novo Testamento retoma o tema em Ap 21,1-22,5. A paz é imaginada pelo profeta como transformação total em Israel e no relacionamento entre as nações. Os instrumentos de destruição serão transformados em instrumentos que produzem vida. <sup>(15)</sup>

Se “Este oráculo é um acréscimo posterior”, nada temos a considerar sobre; o descartamos por

falta de comprovação de seu autor, seja ele quem for, ter sido “inspirado”.

E, finalmente, os editores da *Revista das Religiões*, publicaram o livreto intitulado “**Coleção Grandes Heróis Bíblia I: Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas, Zacarias**” do qual transcrevemos este segmento, que trata do profeta Isaías:

#### ISAÍAS

(Séc. 8 a.C. e 7 a.C.)

#### **SITUAÇÃO**

*A paz no reino de Israel termina em 721 a.C., quando os assírios subjugam Samaria. Com medo da ameaça externa, o reino de Judá, ao sul, começa a pagar tributos aos assírios. Entre 705 a.C. e 701 a.C., Judá é invadida, mas Jerusalém é poupada.*

#### **ENSINAMENTOS**

*Isaías diz que Jerusalém não foi destruída graças a Javé, mas suas palavras não surtem efeito. O profeta também se coloca contra os abusos cometidos pelos poderosos do reino.*

No século 8 a.C., o império assírio empreendeu diversas investidas militares por toda a Palestina. Conquista cidades, deporta

à força os conquistados para outras regiões e incendeiava casas. Nos últimos anos desse século toda a região estava sob domínio assírio. Quase toda. Restava um local, talvez o mais importante de todos Jerusalém, capital do reino de Judá, ao Sul. Em 701 a.C. os assírios, equipados com carros de combate e cavaleiros com couraças, colocam-se às portas das muralhas da cidade, cercando-a. Quando tudo levava a crer que a destruição viria em breve. inesperadamente o exército inimigo bate em retirada. Aliviado, o povo sai às ruas para festejar aquilo que acreditava ser um milagre. Apenas uma pessoa não entra na festa, o profeta Isaías: “Não olhem para mim porque choro amargamente e não queiram me consolar”, pronunciou o poeta (Isaías 22,4).

Mesmo tendo sido incompreendido muitas vezes, Isaías teve grande influência em diversos acontecimentos históricos. Ao longo de sua pregação, teve acesso aos grandes sacerdotes e falou diretamente com os reis. Era um homem culto e, segundo algumas teorias, tinha parentes na esfera monárquica. “Às vezes, a ideia que nós temos de um profeta é de alguém que veio do deserto, com roupas meio sujas, cheirando mal”, diz o teólogo Landon Jones, da Faculdade Teológica Batista He São Paulo. “Não foi o caso de Isaías.” **O profeta está entre os que mais deixaram páginas no Antigo Testamento, embora a autoria delas seja atribuída também a outras duas pessoas.**

Atualmente, grande parte de sua fama está nos seus vaticínios sobre o nascimento de um príncipe. **Suas palavras foram muito utilizadas pelos cristãos para reforçar a chegada do Messias, Jesus Cristo.** <sup>(16)</sup>

É interessante que a maioria dos defensores da inspiração divina dos textos bíblicos parece não saber nada disso que se fala sobre o livro de Isaías. Se nem se conhece quem foi o verdadeiro autor de certos trechos, como então tê-lo como inspirado?

Na obra ***Quem Escreveu a Bíblia? Por que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*** (2011), de autoria de Bart D. Ehrman, “*um estudioso da Bíblia com foco em crítica textual do Novo Testamento, o Jesus histórico e a origem e desenvolvimento dos primórdios do cristianismo*” <sup>(17)</sup>, destacamos o seguinte trecho do capítulo “Falsificações em conflitos com judeus e pagãos”:

**Jesus fez tudo o que foi previsto. Por que os judeus não veem isso? Está nas suas próprias Escrituras!** Eles não sabem ler? São cegos? São idiotas?

A verdade, claro, é que, ao longo da história, os judeus não foram mais analfabetos, cegos ou idiotas que os cristãos.

A típica resposta dos judeus às alegações cristãs de que Jesus cumpriu profecias é que **as passagens das Escrituras que os cristãos citam não falam de um futuro messias ou não fazem nenhuma previsão**. E, é preciso admitir, apenas acompanhando esse debate de fora, parece que os leitores judeus têm alguma razão. **Nas passagens que supostamente preveem a morte e a ressurreição de Jesus, por exemplo, o termo “messias” de fato nunca aparece. Muitos cristãos ficam surpresos com essa alegação, mas basta ler Isaías 53 e comprovar.** <sup>(18)</sup>

Portanto, no capítulo 53 de Isaías não existe nada que fundamente a crença na vinda de um Messias, que os cristãos, sutilmente, apresentaram Jesus de Nazaré como sendo ele.

Mas há os que defendem de unhas e dentes que “*O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas*”, como vemos no **Dicionário Prático**, constante da *Bíblia Sagrada – Barsa*, da definição do termo “Profecia”, ressaltamos o seguinte trecho:

As profecias que anunciam a vida de Cristo são chamadas *Messiânicas*. **O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas** e, por esta razão, é algumas vezes chamado

o quinto evangelho. [...]. (19)

Quanto à afirmação de que “*O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas*” trata-se tão somente de uma crença teológica, uma vez que a perspectiva do profeta tinha relação direta com os acontecimentos de sua época, jamais de algo para um futuro longínquo como, equivocadamente, sempre interpretam.

Geza Vermes (1924-2013), foi um acadêmico britânico, estudioso bíblico e judaísta de ascendência judaica húngara, em ***A Religião de Jesus, o Judeu*** (1993), deixa bem claro que:

Uma das formas mais comuns de utilização da escritura nos Evangelhos Sinóticos é a que costumava ser chamada, em tempos passados e menos refinados, de argumentação profética. **Um versículo do Antigo Testamento é citado para indicar que um evento associado com a vida de Jesus tinha sido vaticinado, de modo que agora ser reconhecido como a realização de um pronunciamento de Isaías, Daniel ou Davi, o salmista, ou seja, o cumprimento de profecia messiânica. Com a chegada da idade da crítica, estas profecias passaram a ser consideradas como posteriores aos**

**fatos**, *prophetiae ex eventu*, outra maneira simplista de tratar um importante fenômeno cultural. [...]. <sup>(20)</sup> (itálico do original)

Assim, após qualquer evento acontecido com Jesus, logo esquadrihavam o Antigo Testamento em busca de passagens que pudessem ligar a ele.

Bart D. Ehrman, em ***Evangelhos Perdidos*** (2003), percebeu muito bem isso:

Com bons motivos, pensa-se no Evangelho de Mateus como o mais “judaico” dos Evangelhos do Novo Testamento. Esse relato da vida e morte de Jesus vai longe ao destacar o judaísmo de Cristo. O texto começa fornecendo uma genealogia de Jesus que se estende, passando por Davi, o maior rei Judaico, até Abraão, o pai dos judeus. **Frequentemente, as Escrituras judaicas são citadas para mostrar que Jesus era o Messias judeu enviado pelo Deus dos judeus em cumprimento das Escrituras judaicas** (cf. Mt 1:23; 2:6;18). [...]. <sup>(21)</sup>

Por esse motivo, apoiar-se nos Evangelhos para sustentar essa hipótese não vemos como sendo uma boa alternativa.

O jornalista de investigação Pepe Rodríguez, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*** (1997), afirma que:

**Em definitivo, foi nos Salmos 22 e 69, assim como no capítulo 53 de Isaías (todo ele falso, como vimos), que a Igreja encontrou os textos necessários e suficientes para dar cobertura profética à paixão e Jesus. Não será exagero nosso, no entanto, voltar a lembrar que todos os textos ditos “proféticos” se aplicam única e exclusivamente a situações que ocorreram muitos séculos antes do nascimento de Jesus. Razão por que qualquer suposta profecia do Velho Testamento que se pretenda relacionar com a vida e a obra do nazareno carece absolutamente de fundamento <sup>(22)</sup>.**

**Ao vermos o modo como a Igreja forçou o sentido de muitos versículos do Velho Testamento, para os converter em profecias e, acto contínuo, os utilizar na sustentação da missão de que investiu Jesus, [...]. <sup>(23)</sup>**

Será que ainda vale o ditado *“um texto fora do contexto é pretexto para heresia”*, para podemos aplicá-lo aos teólogos católicos que desvirtuam o sentido de passagens bíblicas visando torná-las

“profecias” a respeito de Jesus.

Vejamos na obra ***Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia*** (2009), esta explicação de Bart D. Ehrman:

#### AS EXPECTATIVAS JUDAICAS QUANTO AO MESSIAS

Por que a imensa maioria dos judeus sempre rejeitou Jesus como aquele previsto — um salvador mandado por Deus para sofrer pelos outros, de modo a trazer a salvação e então ressuscitar dos mortos?

Na verdade, a resposta é bem simples. **Segundo a tradição judaica, antes do surgimento do cristianismo não havia a expectativa de um Messias sofredor.**

Mas a Bíblia não fala o tempo todo sobre o Messias que irá sofrer? A resposta, de fato, é não. Desde o início, **os cristãos com frequência citaram certas passagens do Antigo Testamento como profecias claras do futuro Messias sofredor, passagens como Isaías 53 e o Salmo 22**, nas quais alguém sofre muitíssimo, algumas vezes explicitamente pelos pecados de outros. Os cristãos alegaram que esses trechos eram afirmações claras sobre como seria o Messias. Contudo, judeus que não acreditam em Jesus sempre tiveram uma resposta

muito eficaz: **o Messias nunca é mencionado nessas passagens**. Você pode verificar por si mesmo: leia **Isaías 53** ou o Salmo 22 (vou citar os versículos relevantes mais à frente). O termo “Messias” nunca aparece neles. Segundo a tradição judaica, **essas passagens se referem não ao Messias, mas a outras pessoas** (há muitas outras pessoas).

**Antes do cristianismo, não sabemos de nenhum judeu que antecipasse um Messias que fosse sofrer e morrer pelos pecados de outros e depois ser ressuscitado dos mortos**. Como, então, seria o Messias? Sabemos por documentos judaicos escritos aproximadamente na época de Jesus que havia várias expectativas sobre como ele seria. Em nenhuma delas ele era algo como Jesus.

O termo “Messias” significa literalmente “o ungido”. Ele foi usado em relação a vários personagens no Antigo Testamento – sacerdotes e reis, por exemplo – que eram cerimonialmente ungidos com óleo como símbolo de graça divina, indicando que Deus os selecionara para fazer suas tarefas (1 Samuel 10:1; Levítico 4-3, 5). A visão judaica clássica do Messias derivava da antiga visão israelita de rei.

Segundo tradições encontradas no antigo Israel, Deus prometera ao rei Davi que sempre haveria um de seus descendentes sentado no trono de Israel (1 Samuel

7:14:16). Mas as vicissitudes da história não confirmaram a promessa. A nação de Judá, que o monarca davídico governara por mais de quatrocentos anos, tinha sido destruída pelos babilônios em 586 a.C. Já não havia um rei davídico sentado no trono. Mas Deus havia prometido que sempre haveria. Como essa promessa podia ser ajustada à realidade histórica?

Alguns judeus achavam que Deus cumpriria sua promessa restaurando um rei ungido para governar Israel quando houvesse acabado de punir seu povo por sua desobediência. **Esse seria o Messias, o novo ungido, um grande rei-guerreiro como Davi que iria derrubar os inimigos de Israel e restabelecer o país como um Estado soberano na Terra.** Essa esperança aumentou e diminuiu ao longo dos anos, com os babilônios sendo substituídos pelos persas, depois pelos gregos, pelos egípcios, pelos sírios e pelos romanos: todos eles controlando a terra de Israel, sem nenhum descendente de Davi no trono, até a época de Jesus.

Na época de Jesus, muitos judeus provavelmente não pensavam tanto em um futuro Messias, assim como a maioria dos judeus atualmente não pensa. Aqueles judeus que estavam esperando o Messias, porém, acreditavam que Deus iria cumprir sua promessa, encontrada em passagens messiânicas como o Salmo 2:1-9 da Bíblia

hebraica:

*Por que as nações se amotinam e os povos planejam em vão? Os reis da terra se insurgem, e, unidos, os príncipes enfrentam lahweh e seu Messias: “Rebentemos seus grilhões, sacudamos de nós suas algemas!” O que habita nos céus ri, o Senhor se diverte à custa deles. E depois lhes fala com ira, confundindo-os com seu furor: “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!” Publicarei o decreto de lahweh: Ele me disse: “Tu és meu filho, e hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade. Tu as quebrarás com um cetro de ferro, como um vaso de oleiro as despedaçarás.”*

A expectativa óbvia é de um rei grandioso e poderoso da linhagem de Davi que será o Filho de Deus, assim como os sucessores de Davi foram (ver 2 Samuel 7:14). Que essa expectativa de um futuro Messias político estava viva, e bem na época de Jesus fica evidente a partir de textos judaicos da época. Uma afirmação particularmente clara da expectativa desse Messias está fora da Bíblia, em um livro chamado Salmos de Salomão, escrito algumas décadas antes do nascimento de Jesus. Veja que tipo de pessoa seria o Messias:

*Veja, senhor, e erga para eles seu rei, o*

*filho de Davi, para reinar sobre sua serva Israel em seu tempo, ó Senhor. Sustente-o com a força para destruir os governantes ímpios, expurgar Jerusalém dos gentios, que a levam à destruição; com a sabedoria e a justiça para expulsar os pecadores da herança, para esmagar a arrogância dos pecadores como um vaso de oleiro; para esmagar toda a sua substância com uma vara de ferro, destruir as nações ímpias com a palavra de sua boca (...) Ele reunirá pessoas santas que irá liderar na justiça (...) E fará as nações gentias servirem a ele sob seu jugo, e irá glorificar o Senhor em um [lugar] de destaque [acima] de toda a Terra. E irá purificar Jerusalém e torná-la santa como era desde o princípio (...) e será um rei justo para com eles, ensinado por Deus. Não haverá impiedade entre eles em seus dias, pois todos serão santos, e seu rei será o Senhor Messias (Salmos de Salomão 17:21-32).*

A expectativa de muitos judeus na época de Jesus era a de que o Messias seria um poderoso rei-guerreiro.

Mas havia outros judeus que tinham outras expectativas sobre como seria o futuro libertador de Israel. Especialmente na tradição apocalíptica, da qual Jesus e seus seguidores faziam parte, costumava-se acreditar que o futuro salvador não seria meramente um rei terreno. Ele seria um juiz cósmico da Terra, mandado por Deus para

derrubar as forças do mal com uma demonstração de força. Esse personagem divino era chamado de muitas coisas em diferentes textos, incluindo “o Filho do Homem” (com base em uma leitura de Daniel 7:13-14). Considere os dois textos judaicos seguintes, que datam aproximadamente da época do início do cristianismo:

*E eles [o povo de Deus] têm grande contentamento, e abençoam, e louvam e exaltam porque o nome do Filho do Homem foi revelado a eles. E ele se senta no trono de sua glória, e todo o julgamento é dado ao Filho do Homem, e ele faz com que os pecadores caiam e sejam destruídos da face da terra. E aqueles que tiraram o mundo da rota serão encontrados em correntes, e serão trancados no local de reunião para sua destruição, e suas obras desaparecerão da face da terra. E a partir de então não haverá nada corruptível, pois que o Filho do Homem surgiu e se sentou no trono de sua glória, e tudo de mal desaparecerá e sumirá perante ele (1 Enoque 69).*

*Enquanto eu olhava, o vento fez algo como que a figura de um homem surgindo do coração do mar. E eu vi que esse homem voava com as nuvens do céu; e para tudo o que ele voltava o rosto para ver, tudo sob seu olhar tremia (...) Depois disso eu olhei e vi que uma inumerável multidão de pessoas estava reunida dos*

*quatro ventos dos céus para fazer guerra ao homem que vinha do mar. (...) Quando ele viu a multidão se aproximando nem levantou sua mão nem segurou uma lança ou qualquer arma de guerra; mas eu vi apenas como ele lançou de sua boca algo como uma torrente de fogo, e de seus lábios um hálito de chamas (...) [que] caiu sobre a multidão que se aproximava e estava preparada para lutar, e queimou todos eles, de modo que de repente ninguém se via na inumerável multidão, apenas o pó das cinzas e o cheiro da fumaça (4Esdras 13:1-11).*

Um grande e poderoso rei-guerreiro, ou um ainda mais poderoso juiz cósmico da Terra – isso era o que alguns judeus esperavam do Messias. Outros judeus tinham ainda outras expectativas sobre como seria um futuro salvador.<sup>1</sup> Mas algo que todas as expectativas tinham em comum era isso: **o futuro Messias seria uma figura grandiosa e de verdadeiro poder, que iria derrubar os inimigos de Deus em uma demonstração de força e governar seu povo, e as outras nações da terra, com uma vara de ferro.**

E quem era Jesus? Um pregador itinerante do interior da Galileia praticamente desconhecido que vivia do lado errado da lei e que foi crucificado como um insurgente político. Jesus não derrubou os romanos. Os romanos o esmagaram como um mosquito. Para a maioria dos judeus, chamar Jesus de

Messias era mais do que risível; era praticamente (ou verdadeiramente) uma blasfêmia contra Deus. Jesus é o Messias? O pregador que foi crucificado? Esse é o Messias de Deus? Então tá.

Quando tento explicar a meus alunos como a alegação soava absurda à maioria dos judeus, costumo apelar para uma analogia. A reação instintiva que a maioria dos judeus tinha à ideia de que Jesus era o Messias é comparável à reação que você teria caso eu insistisse sinceramente em que o líder do Ramo Davidiano David Koresh, que foi morto pelo FBI em Waco, é o Senhor do universo. David Koresh? Sim, ele é o salvador do mundo e o Senhor de tudo! Ah, claro — você é o quê, seu maluco? (Todo semestre tenho problemas com essa analogia; no mínimo um aluno diz em sua avaliação do curso: “Não consigo acreditar que Ehrman acha que David Koresh é o Senhor do universo!”) <sup>(24)</sup>

Assim temos uma visão mais completa sobre o livro de Isaías a respeito do messias esperado.

Não sabemos como foi possível encontrar tantas profecias; inclusive, diga-se de passagem, que a sua esmagadora maioria não são propriamente o que se pode entender como profecia, já que são passagens relacionadas a fatos corriqueiros do dia a

dia dos que viviam nas respectivas épocas, não sendo, portanto, uma previsão, no sentido literal, para um acontecimento futuro.

## Passagens citadas como realização de algum evento previsto por Isaías

Realizaremos nossa análise por livro do Novo Testamento, sendo que os Evangelhos serão listados pela ordem da data em que cada um foi escrito, evitaremos, por óbvio, repetir passagens de um mesmo relato.

### Evangelho de Marcos

**01)** Marcos 9,11-13: *“Os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?’ Jesus respondeu: ‘Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele’.”*

Profecia: mencionando o v. 12, pede-se para conferir **Isaías 53**.

Vimos na *Bíblia do Peregrino* ser afirmado que

*“os capítulos 40-55 são obra de um profeta anônimo”* (25). Muito bem, até um profeta anônimo, ou seja, um ilustre desconhecido, usam para referendar trechos que veem como profecias. Aliás, como já dissemos, nem mesmo poder-se-ia ser considerado um profeta, por absoluta falta de comprovação. Então, como podem afirmar que esses capítulos de Isaías foram inspirados?

A referência ao *“servo sofredor”* que aparece no capítulo 53 de Isaías, como vimos (26), trata-se do próprio povo de Israel, portanto, não tem absolutamente nada a respeito de algum personagem que virá futuramente para cumprir essa função.

Assim, o trecho do versículo 12 de Marcos 9: *“Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado”*, dentro do contexto, parece-nos *“peixe fora d'água”*, destoando do assunto principal; inclusive, se o retirarmos nada afetará o desenrolar da história, que até ficará mais coerente.

Veja, caro leitor, se faz sentido o que estamos

dizendo, lendo o texto sem esse versículo:

*Marcos 9,11-13: “Os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?’ Jesus respondeu: ‘Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele.’”*

Qualquer leitor consciencioso verá que o trecho suprimido *“Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado”*, não faz a menor diferença para a compreensão da narrativa.

A surpresa maior veio quando comparamos essa passagem com a versão de Mateus, que tem o seguinte teor:

*“Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. **E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo**’”.* (Mateus 17,10-12)

Ora, percebe-se que, na visão do autor do Evangelho de Mateus, justamente, aquele que, demasiadamente, se preocupava em citar profecias, esse trecho aparece como sendo uma simples fala de Jesus, sem qualquer conotação profética.

Embora seja essa passagem a que mais está ligada a uma profecia, pois ela menciona o mesmo nome daquele que foi prometido por Deus para vir anunciar a vinda do Messias e ter sido confirmado por Ele como sendo aquele que viria o anunciar.

**2)** Marcos 15,27-28: *“Com ele crucificaram dois bandidos, um à direita e outro à esquerda. Desse modo cumpriu-se a Escritura que diz: ‘Ele foi incluído entre os fora-da-lei’.”*

*Profecia: **Isaías 53,9.12:** “Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfeitores, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca houvesse mentira. Pois isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.”*

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, é citado *“Ele foi*

*contado entre os malfeitores (Is 53,12)” (27), porém acrescentamos o versículo 9, para completar a profecia.*

Quanto ao capítulo 53 de Isaías, vejamos estas duas explicações:

1ª) Na **Bíblia Sagrada - Vozes**, com referência a Isaías 53,10-12, esclarecem:

**A última causa da paixão e morte do Servo** não são seus inimigos ou as circunstâncias adversas, mas **Deus mesmo que o quis como vítima expiatória dos pecadores** (v. 6). Os frutos da paixão e morte expiatórias são numerosa descendência seja material seja espiritual, e luz, isto é, felicidade e vida (SI 49,20; Jó 3,16). **Insinua-se aqui a volta à vida**, tema retomado mais tarde, no tempo dos macabeus. (28)

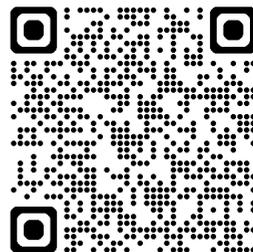
Fica bem claro que o entendimento da passagem nada tem a ver com profecia sobre algum evento que aconteceria com Jesus, a não ser por pura criatividade do autor bíblico.

2ª) Em se referindo a Isaías 53,10, a nota da **Bíblia Ecumênica - TEB** diz:

É o único texto do AT que usa a imagem de uma vítima oferecida em expiação. **É sabido que os sacrifícios humanos estavam absolutamente proscritos.** <sup>(29)</sup>

Mas, mesmo que os sacrifícios tenham sido “proscritos”, incoerentemente, aceitam o de Jesus – o morrer na cruz – como sendo para remissão de todos os pecados dos homens.

Aliás, a morte de Jesus não foi um sacrifício oferecido a Deus, visando “pagar” ou “apagar”, caso queiram, os pecados da humanidade, porquanto, a sua causa foi política. Isso que estamos afirmando é resultado de nossa pesquisa intitulada **A Morte de Jesus Foi Para Remissão dos Pecados?** <sup>(30)</sup>



É oportuno mencionarmos a versão para o versículo 9 do capítulo 53 de Isaías por outras Bíblias, que embora ocorra pequena variação nas narrativas o fundo é o mesmo: *Pastoral, Anotada, de Jerusalém e Barsa*:

*“A sepultura dele foi colocada junto com a dos*

*ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca.”*  
(Isaías 53,9)

Preste bem atenção, caro leitor, pois aqui verificamos que o trecho “*e ao morrer achava-se entre malfeitores*” (Isaías 53,9), não é comum a todas as Bíblias, provando que até mesmo mudam a tradução para justificar seus dogmas; aqui, no caso, a adulteração veio para legitimar que Jesus teria morrido entre dois ladrões.

Apenas para esclarecimento, transcrevemos de John Dominic Crossan, teólogo cofundador do “The Jesus Seminar” <sup>(31)</sup>, da obra ***Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*** (1995):

A tradição cristã sempre falou, em inglês, dos dois *ladrões*, ou do bom *ladrão* e do mau *ladrão*. **Os gregos, contudo, nunca usaram *ladrão* em qualquer dos cinco relatos.** O termo é *malfeitores* em Pedro e Lucas, *bandidos* em Marcos e Mateus e, simplesmente, *outros* em João. [...] <sup>(32)</sup>  
(itálico do original)

E, um pouco mais à frente conclui categórico: *“os dois ladrões não são história lembrada, mas profecia historicizada.”* <sup>(33)</sup>

Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*** (2013), confirma o que John Dominic Crossan disse:

[...] Os evangelhos afirmam que em ambos os lados de Jesus estavam pendurados homens que, **em grego, eram chamados de *lestai*, uma palavra muitas vezes traduzida como “ladrões”, mas que, na verdade, significa “bandidos”** e era a designação romana mais comum para um insurreto ou rebelde. <sup>(34)</sup>

Portanto, há acentuada divergência no significado dos termos, em razão disso não podem designar a mesma coisa.

## **Evangelho de Mateus**

O autor do Evangelho de Mateus, seja ele quem for, é o escritor que mais se preocupou em relacionar feitos ou acontecimentos com Jesus a alguma profecia do Antigo Testamento, nem mesmo se deu conta de que algumas delas nem sequer

existem.

Pode parecer estranho o “seja ele quem for”, porém, segundo vários exegetas, aqueles que dizem ser os autores dos Evangelhos, não o são. Na verdade, são ilustres desconhecidos. Aos interessados recomendo o ebook **Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?** <sup>(35)</sup>.



Em **Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé** (2003), Elaine Pagels afirma sobre o Evangelho de Mateus:

[...] Hoje, porém, **muitos estudiosos sugerem que** a correspondência entre profecia e evento que **Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias.** [...]. <sup>(36)</sup>

Vejamos, então, as passagens do Novo Testamento, que atribuem como cumprimento de predições do livro de Isaías, para análise.

**3) Mateus 1,1-17: “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão**

*foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacó; Jacó foi o pai de Judá e de seus irmãos. Judá, com Tamar, foi o pai de Farés e Zara; Farés foi o pai de Esrom; Esrom foi o pai de Aram. Aram foi o pai de Aminadab; Aminadab foi o pai de Naasson; Naasson foi o pai de Salmon. Salmon, com Raab, foi o pai de Booz; Booz, com Rute, foi o pai de Jobed; Jobed foi o pai de Jessé; Jessé foi o pai de Davi. Davi, com aquela que foi mulher de Urias, foi o pai de Salomão. Salomão foi o pai de Roboão; Roboão foi o pai de Abias; Abias foi o pai de Asa. Asa foi o pai de Josafá; Josafá foi o pai de Jorão; Jorão foi o pai de Ozias. Ozias foi o pai de Joatão; Joatão foi o pai de Acaz; Acaz foi o pai de Ezequias. Ezequias foi o pai de Manassés; Manassés foi o pai de Amon; Amon foi o pai de Josias. Josias foi o pai de Jeconias e de seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia, Jeconias foi o pai de Salatiel; Salatiel foi o pai de Zorobabel. Zorobabel foi o pai de Abiud; Abiud foi o pai de Eliaquim; Eliaquim foi o pai de Azor. Azor foi o pai de Sadoc; Sadoc foi o pai de Aquim; Aquim foi o pai de Eliud. Eliud foi o pai de Eleazar; Eleazar foi o pai de Matã; Matã foi o pai de Jacó. Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Messias. Assim, as gerações desde Abraão até Davi são catorze; de Davi até o exílio na*

*Babilônia, catorze gerações; e do exílio na Babilônia até o Messias, catorze gerações."*

Profecias: **Isaías 11,1-9**: *"Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé. A sua inspiração estará no temor de Javé. Ele não julgará pelas aparências, nem dará a sentença só por ouvir. Ele julgará os fracos com justiça, dará sentenças retas aos pobres da terra. Ele ferirá o violento com o cetro de sua boca, e matará o ímpio com o sopro de seus lábios. A justiça é a correia de sua cintura, é a fidelidade que lhe aperta os rins. O lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará; pastarão juntos o urso e a vaca, e suas crias ficarão deitadas lado a lado, e o leão comerá capim como o boi. O bebê brincará no buraco da cobra venenosa, a criancinha enfiará a mão no esconderijo da serpente. Ninguém agirá mal nem provocará destruição em meu monte santo, pois a terra estará cheia do conhecimento de Javé, como as águas enchem o mar."* (cita-se também Jeremias 23,5-6, o teor desses versículos repete-se em Jeremias 33,15-16).

É novamente na **Bíblia Sagrada - Pastoral** que buscaremos a explicação:

11,1-9: **Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena** (cf. 6,13; 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. **O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus** (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20). <sup>(37)</sup>

É impressionante como distorcem a suas interpretações para ligar o teor das passagens bíblicas a Jesus, será que não têm conhecimento de que o contexto deve ser rigorosamente respeitado sob pena de interpretação equivocada?

Veja, caro leitor, que a genealogia que se lê aqui é divergente da que encontramos em Lucas 1,32 na qual lemos a seguinte nota: *“Seu pai Davi: Maria era, da mesma forma que José, **da descendência de Davi**”* <sup>(38)</sup>

Tentando explicar a divergência, na **Bíblia**

**Sagrada - Ave-Maria**, em nota, dizem:

**Esta genealogia de Jesus difere sensivelmente daquela que se lê no começo do Evangelho de São Mateus.** As diferenças provêm dos ramos distintos que elas nos conservaram e que provêm de antepassados comuns. <sup>(39)</sup>

Aliás, procurando justificar as divergências entre as duas genealogias, dizem que ela, a de Mateus, é baseada em Maria; entretanto, isso é estranho, porquanto *“Qualquer genealogia banal naquela época se baseava apenas na linhagem masculina, que tinha uma importância fundamental.”* <sup>(40)</sup> e *“as genealogias bíblicas sempre seguem a linha paterna.”* <sup>(41)</sup>

É evidente o fato de que alguns tradutores da Bíblia se prendem aos dogmas instituídos pela corrente religiosa que abraça. É o caso, por exemplo, de Pe. Matos Soares, tradutor da ***Bíblia Sagrada Paulinas 1957***, de quem trazemos essa explicação para Mateus 1,16: *“Jacó foi o pai de José, o esposo de **Maria, da qual** nasceu Jesus, que é chamado o Messias”*:

*José, esposo de Maria.* O Evangelista, descrevendo a genealogia de São José, conforma-se com **o costume hebraico de só atender aos homens nas tábuas genealógicas**. Todavia, dá-nos, ao mesmo tempo, a genealogia de Jesus, visto que **Maria era também descendente de Davi. – Da qual nasceu Jesus. O Evangelista não diz que José gerou Jesus**, pois o Salvador foi concebido no seio de Maria, por obra do Espírito Santo. **São José não foi pai natural de Jesus**, mas somente pai legal, como verdadeiro e legítimo esposo de Maria. <sup>(42)</sup>

Era de se esperar que a dogmática, querendo sair do impasse, tentasse justificar-se dizendo que Maria também era filha de Davi; entretanto, bem se vê que *“a emenda saiu pior que o soneto”* (Bocage<sup>43</sup>), já que os judeus tinham a crença de que somente o homem é que dava a descendência; é por isso que todas as genealogias na Bíblia são traçadas em relação ao pai e não à mãe dos indivíduos.

Por outro lado, considerando que atribuem a Jesus um nascimento sobrenatural, que não foi gerado por José, mas por uma entidade espiritual à qual denominam de “Espírito Santo”, torna essa genealogia sem qualquer propósito, visto que, por

ela, não se poderia dizer que Jesus é descendente de Davi, uma vez que não haveria nenhum laço sanguíneo que os ligassem, pelo motivo de José não ter sido o pai biológico de Jesus.

Em **Natividade** (2006), Geza Vermes nos traz explicações muito interessantes:

Ao longo de toda a série, a mesma fórmula “A foi o pai de B”, literalmente A “gerou” ou “procriou” B, é empregada, como é próprio de um registro genealógico judaico, listando sempre os pais e os filhos homens. Mas **quando Mateus chega a Maria**, a quinta mulher em sua lista, embora sem hesitação ainda designa José como seu marido (*anêr*), **ele modifica o padrão usual “A gerou B, B gerou C” etc. e muda a expressão de ligação da forma ativa “gerou” para a passiva “foi gerado” ou “nasceu de”, do grego *egennêsen* para *egennêthê***. Obviamente, o evangelista tem uma mensagem a transmitir. Ele está determinado a evitar uma expressão que mostraria Jesus como filho natural de José em uma genealogia cujo objetivo era provar que Jesus descendia de Davi através de José.

**A flutuante tradição textual revela que algo incomum ocorre aqui.** Variações importantes nos códices gregos e em

algumas das antigas traduções dessa passagem indicam que **já nos primeiros séculos do cristianismo os copistas e intérpretes tinham consciência dos problemas e dificuldades provenientes de Mateus 1,16**. As hesitações que os copistas demonstram são indicativas dos seus esforços para chegarem a uma fórmula conveniente.

A maioria dos manuscritos gregos inclui o texto canhestro que foi citado acima: “e Jacó foi o pai de (gerou) José, o esposo de Maria, da qual nasceu (ou foi gerado) Jesus, que é chamado Cristo”. **O que a tradição procura ofuscar neste caso é a identidade do pai. Não está dito explicitamente que José, o esposo de Maria, não gerou Jesus, mas tampouco ficamos sabendo quem o fez.** Em outras palavras, a ideia do nascimento virgem, que será desenvolvida alguns versículos adiante, é aqui antecipada subrepticamente.

**Contudo, essa revisão doutrinária não foi cumprida com total sucesso. Outros manuscritos gregos e a tradução latina antiga do capítulo 1, versículo 16 de Mateus trazem uma mensagem muito diferente.** Eles inserem uma referência a Maria, mas **resguardam a redação usual da genealogia que indica a paternidade como pertencente a José.** O texto é: “José, a quem a virgem Maria estava prometida, gerou Jesus que foi chamado o Cristo”. As

mesmas palavras diretas **foram preservadas também no Diálogo de Timóteo e Aquila, uma obra grega datada do século V:** “José gerou Jesus que foi chamado Cristo” (The Dialogues of Athanasius and Zacchaeus, F.C. Conybeare [org.], 1898).

**De todas as evidências textuais que vão de encontro à posição ortodoxa tradicional, talvez a mais importante seja o mais velho testemunho semita, uma antiga versão de Mateus em siríaco,** encontrada na biblioteca do mosteiro de Santa Catarina no Monte Sinai por duas damas escocesas cultas e empreendedoras, as Sras. Agnes Smith Lewis e Margaret Dunlop Gibson, e publicada em 1894. O documento assim chamado Siríaco Sinaítico ou syr<sup>syn</sup> caracteristicamente preserva, até com relação a Jesus, a fórmula usada ao longo de toda a genealogia: **“José, a quem estava prometida a virgem Maria, gerou Jesus”**. Mas este não é o único acidente estranho. Cinco versículos depois, em Mt 1,21, a mesma versão siríaca de forma característica complementa as palavras que o anjo dirige a José, “ela [Maria] dará à luz um filho”; dizendo “ela dará à luz um filho para ti”, que é uma expressão em geral usada para denotar paternidade. Ambas as passagens concorrem para deixar absolutamente claro quem deve ser considerado o pai e para revelar qual deve ter sido o original semita subjacente a Mateus

1,16.

A primeira surpresa na árvore genealógica de Mateus foi a inclusão de mulheres; a segunda, o argumento forçado a favor de uma genealogia de Jesus transmitida em círculos judaico-cristãos em hebraico ou aramaico, na qual, assim como José é o filho de Jacó, Jesus é mencionado como “gerado” por José. Note-se, ademais, que não há menção à virgindade de Maria na tradição principal e que o mesmo silêncio em relação a ela também caracteriza a árvore genealógica apresentada por Lucas. Jesus é representado na genealogia materna como o legítimo herdeiro de Davi, por ser filho de José, rebento da casa real de Israel. A mesma posição é confirmada, como será demonstrado no capítulo 5, pela doutrina abraçada pelos ebionitas, uma comunidade judaico-cristã que sobreviveu até os séculos III e IV, conforme relatos dos Padres da Igreja. <sup>(44)</sup>

Geza Vermes foi fundo, e, certamente, as provas que apresenta, quanto a adulteração do texto para desfigurar a paternidade de Jesus para o Espírito Santo, em vez de José, são irrefutáveis.

Encontramos, em ***A Origem do Cristianismo*** (1961), a seguinte explicação do historiador soviético

Iakov Abramovitch Lentsman (1908-1967) para essa passagem de Mateus:

**Os cálculos genealógicos de Mateus visam a um objetivo bem determinado, o de demonstrar, de acordo com o messianismo judaico ortodoxo, que Jesus era um descendente direto do rei David. A divisão da história dos hebreus em três períodos iguais: até o rei David, até a destruição do primeiro templo de Jeová, até Cristo deveria servir de prova suplementar do papel messiânico de Jesus. As quatorze gerações compreendidas em cada período não se encontram aí por acaso, pois quatorze é o dobro de sete, e 7 era um número sagrado entre os antigos hebreus.**

**A inconsistência total dessa genealogia é evidente.** Mesmo omitindo-se o fato de que ela contradiz aquela, não menos gratuita, dada por Lucas, ela não se mantém de pé, do ponto de vista da lógica mais elementar. **Não se poderia dizer, por outro lado, que ela atesta a descendência de Jesus em linha reta de David, uma vez que é José, esposo de Maria, que tinha por ancestral o Rei David, enquanto que, segundo Mateus, Jesus nasceu não de José, mas graças à intervenção do Espírito Santo.** O autor deste evangelho não foi capaz, simplesmente, de fazer remontar a genealogia do Cristo por linha masculina até David e, ao mesmo tempo, atribuir-lhe uma

origem divina, “imaculada”. O primeiro capítulo de Mateus representa, portanto, **uma tentativa de conciliar duas versões inconciliáveis da origem de Cristo**: a do *Antigo Testamento*, segundo à qual seria ele um descendente do Rei David, e a versão pagã, que afirmava a natureza divina do deus morto e ressuscitado. <sup>(45)</sup>

Concordamos plenamente com Iakov Abramovitch Lentsman sobre o objetivo de Mateus, uma vez que, entre os evangelistas, é ele quem mais se preocupa em relacionar episódios da vida Jesus a alguma profecia, chegando ao ponto de até mesmo citar profecia inexistente, como veremos.

Elaine Pagels, em ***Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*** (2003), afirma:

[...] Hoje, porém, **muitos estudiosos sugerem que** a correspondência entre profecia e evento que **Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias**. [...]. <sup>(46)</sup>.

Karen Armstrong, em ***A Bíblia: Uma Biografia*** (2007), confirma isso:

Mas no momento em que Mateus escrevia, no fim dos anos 80, essas esperanças começavam a se desvanecer. Nada mudara: como poderia o reino ter chegado? Mateus respondeu que ele chegava de maneira discreta e trabalhava silenciosamente no mundo como o fermento numa massa de pão. <sup>(47)</sup> Sua comunidade achava-se temerosa e irritada. Eram acusados por seus companheiros judeus de abandonar a Torá e os profetas <sup>(48)</sup> haviam sido açoitados nas sinagogas, arrastados perante tribunais de anciãos <sup>(49)</sup> e acreditavam que seriam torturados e mortos antes do Fim. <sup>(50)</sup> **Mateus estava, portanto, especialmente ansioso por mostrar que o cristianismo não apenas estava em harmonia com a tradição judaica, mas era sua culminação. Quase cada evento na vida de Jesus acontecera “para cumprir as Escrituras”.** Como os de Ismael, Sansão e Isaac, seu nascimento foi anunciado por um anjo. <sup>(51)</sup> Os 40 dias de tentação no deserto equiparavam-se aos 40 anos dos israelitas no deserto; Isaías previra seus milagres. <sup>(52)</sup> E – o que era o mais importante – Jesus foi um grande mestre da Torá. Ele proclamou a nova lei da era messiânica do alto de uma montanha <sup>(53)</sup> – como Moisés – e insistiu que viera não para abolir, mas para completar a Lei e os Profetas. <sup>(54)</sup> Os judeus deviam agora observar a Torá mais rigorosamente que nunca. Não bastava mais, para os judeus, abster-se de matar; não

deviam sequer se encolerizar. Não somente o adultério era proibido; um homem não podia sequer olhar uma mulher com lascívia. <sup>(55)</sup> A velha lei da retaliação – olho por olho, dente por dente – fora suplantada: agora os judeus deviam oferecer a outra face e amar seus inimigos. <sup>(56)</sup> Como Oseias, Jesus afirmou que a compaixão era mais importante que o ritual e a observância. <sup>(57)</sup> Como Hillel, pregou a Regra de Ouro <sup>(58)</sup> Jesus foi maior que Salomão, Jonas e o templo. <sup>(59)</sup> Os fariseus da época de Mateus afirmavam que o estudo da Torá introduziria os judeus à presença divina (*Shekhinah*) que outrora eles haviam encontrado no templo: “Se dois sentarem-se juntos e as palavras da Torá estiverem entre eles, a *Shekhinah* descansará entre eles”. <sup>(60)</sup> Mas Jesus prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei com eles”. <sup>(61)</sup> Os cristãos encontrariam a *Shekhinah* por intermédio de Jesus, que havia agora substituído o templo e a Torá. <sup>(62)</sup> (itálico do original)

Ainda restará alguma dúvida? Acreditamos que não, pois essas fontes mencionadas confirmam umas às outras.

**4)** Mateus 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: ‘Vejam: a virgem conceberá, e dará à*

*luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco'."*

Profecia: **Isaías 7,14**: *"Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel."*

Na análise dessa passagem do livro de Isaías, perceberemos que ela não diz respeito a Jesus. Mas, antes, para uma melhor compreensão e para que não paire dúvida alguma, temos que realçar o início desse versículo, já que ele é quase sempre subtraído quando justificam suas interpretações: *"Pois saibam que Javé lhes dará um sinal"*.

Ora, devemos concluir disso que Deus daria um sinal a alguém; mas, quem e por quê? Para saber as respostas, recorreremos às informações em nota de rodapé constantes da ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, sobre esse episódio. Diz lá:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre o reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o reino do

Sul, para destronar o rei Acaz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acaz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. **O sinal prometido a Acaz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). <sup>(63)</sup>

Assim, pelo contexto bíblico e confirmado por essa nota, podemos observar que Deus promete um sinal ao rei Acaz e esse sinal é justamente o seu filho que está por nascer. Fora disso é distorcer a interpretação do texto.

Além disso o fato é próximo e não uma previsão para um acontecimento num futuro longínquo, já que querem atribuir essa profecia a Jesus.

E mais; o nome Jesus significa “*Deus é salvação*”; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer “*Deus está conosco*”, que é o nome previsto na profecia, fato que o fanatismo cego não

deixa muitos perceberem.

Em **A História de Israel no Antigo Testamento** (1960), autoria de Samuel J. Schultz (1914-2005), pode-se, facilmente, corroborar isso:

[...] Em contraste com governantes iníquos, **Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi**. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora a promessa de um reino universal e perene.

O justo governante é apresentado em Is 7:14 como o Emanuel, que significa “Deus conosco”. <sup>(64)</sup> Por certo **o ímpio Acáz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa**, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa pareceu vaga e ambígua para aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional – mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maer-Salal-Has-Baz). Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (veja Is 8:5-10), para em seguida ser libertada, **a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9:1-7. Isso seria concretizado através do nascimento de um filho que identificado como “Poderoso**

**Deus**”, o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas Suas características transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da Sua onisciência e onipotência.

O reino será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os ímpios serão destruídos pela palavra proferida pelo justo governante, e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade. [...]. <sup>(65)</sup>

Confirma-se, portanto, que a preocupação de Isaías está relacionada aos acontecimentos que, naquele momento histórico, vivia o povo hebreu, portanto, nada para um futuro longínquo como querem nos fazer crer.

No ***Dicionário Bíblico Universal*** (1984), na explicação do verbete Emanuel, lemos:

**É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acaz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17).** A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. O reino de Judá é ameaçado pelos

sírios e efraimitas aliados, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das promessas feitas a Davi. Em vez de recorrer a essas promessas, Acaz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

**Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta?** Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, **o nascimento anunciado deve ocorrer proximoamente. Será Ezequias** – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23). <sup>(66)</sup>

Vê-se, portanto, que essa profecia realmente não se refere a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação. Como não ficaram satisfeitos com Ezequias, a quem se referia esta profecia, foram postergando para uma outra época até que,

finalmente, a encaixaram na pessoa de Jesus.

Querem passar por cima do contexto histórico, atropelando os acontecimentos da época, para trazer para os dias de hoje aquilo que eles desejam que os outros acreditem piamente.

Vejamos o seguinte trecho do item “Uma virgem conceberá” – tópico “Em busca das Escrituras”, do capítulo “Um - Um conto de dois deuses”, do livro **Jesus: Uma Biografia Revolucionária**, de autoria de John Dominic Crossan (1994):

Esse profeta citado [em Mateus 1,20-23] é Isaías 7,14, e **a situação original para a profecia em 734 ou 733 A.E.C. foi uma fracassada tentativa de persuadir Acaz, rei de Judá**, reino judeu do sul, que estava sob ataque das forças conjuntas da Síria e de Israel, reino judeu do norte, **a confiar em Deus em vez de recorrer ao auxílio do imperador assírio. Como Acaz recusou a garantia do auxílio divino, ele recebeu uma profecia de condenação, em Isaías 7,14-25.** Antes de qualquer “jovem mulher ter concebido e dar à luz um filho” e de esse filho “saber rejeitar o mal e escolher o bem” - ou seja, chegar à maturidade – os dois reinos agressores e o próprio reino de Acaz seriam

devastados. Deus será de fato “Emanuel”, isto é, “Deus com ele” – mas no juízo, não na salvação. **A profecia em Isaías nada diz sobre uma concepção virginal.** Fala em hebraico de uma *almah*, uma virgem recém-casada, mas ainda não grávida do primeiro filho. Na tradução grega das escrituras hebraicas o termo *almah* foi traduzido como *parthenos*, que nesse contexto significava exatamente a mesma coisa isto é, uma virgem recém-casada. [...] Mateus, de qualquer modo, leu a profecia de Isaías como uma profecia de esperança e não de desespero, e tomou seu termo virgem para aplicá-lo não somente ao estado anterior da mãe, mas a seu estado persistente mesmo durante e após a concepção. <sup>(67)</sup>

[...] **Lucas**, ao contrário de Mateus, não faz referência explícita a Isaías 7,14. Este, porém, está implicitamente presente. Mateus 1,21 diz que “o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus”. Lucas 1,31 diz: “conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus”. Mas estes são versículos, notavelmente semelhantes, de duas fontes independentes uma da outra. Ambos, porém, baseiam-se estreitamente em Isaías 7,14: “Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho e põe-lhe-á o nome de Emanuel”. Na verdade, em grego, Lucas está ainda mais próximo de Isaías que Mateus.

Assim, com a substituição de Emanuel por Jesus, a tradição cristã comum herdada independentemente por Mateus de modo explícito e por Lucas de modo implícito extraía a concepção virginal de uma interpretação de Isaías 7,14. **Claramente alguém continuava a buscar no Antigo Testamento um texto que pudesse ser interpretado como profecia de uma concepção virginal, mesmo que esse nunca fosse seu significado original.** Alguém já havia decidido sobre a importância transcendental do Jesus adulto e procurado retrojetar essa significação para a concepção e o nascimento. **Não é necessário, de resto, supor que todas as tradições cristãs iniciais considerassem que Isaías 7,14 profetizasse uma concepção virginal para Jesus.** De fato, não pode ser encontrado em nenhum outro lugar fora dessa tradição independentemente conhecida por Mateus e por Lucas e usada apenas em suas narrativas de infância divergentes.

Uma vez que os opositores do cristianismo ouviram alegações de concepção virginal e geração divina para Jesus, responderiam com imediata e óbvia refutação: o fato de ele não ter pai humano conhecido significa que era bastardo! O filósofo pagão Celso, que escreveu no último quartel do segundo século, declara, em nome do judaísmo e do paganismo, que um encobrimento para a bastardia deve ter sido a razão real para essas alegações. O pai ilegítimo era, alega

ele, um soldado romano chamado Pantera, em cujo nome apreendemos uma alusão zombeteira e invertida a *parthenos*, palavra grega para a jovem mulher de Isaías 7,14.  
(<sup>68</sup>)

Destacamos este trecho “*Claramente alguém continuava a buscar no Antigo Testamento um texto que pudesse ser interpretado como profecia de uma concepção virginal, mesmo que esse nunca fosse seu significado original.*” pois, é exatamente isso que o autor de Mateus faz. Acrescente-se o problema da tradução de *almah* por virgem, quando, segundo John D. Crossan, dever-se-ia entender como “virgem recém-casada”, enquanto outros autores dizem que deveria ser jovem.

Bart D. Ehrman, em **Como Jesus se Tornou Deus** (2014), afirma o seguinte:

[...] de acordo com Mateus, o motivo para a mãe de Jesus ser virgem é que isso cumpriria o que fora dito por um porta-voz de Deus há muitos séculos, quando **o profeta Isaías escreveu nas escrituras judaicas: “Uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7:14).** Mateus cita o verso e o apresenta

como motivo para a concepção incomum de Jesus – era para cumprir a profecia (Mt 1:23).

Com frequência, foi observado que **Isaías na verdade não profetiza que o messias nascerá de uma virgem**. Se você lê Isaías em seu contexto literário próprio, fica claro que **o autor não está falando em absoluto do messias. A situação é bem diferente e se passa no século VIII a.C., em uma época de calamidade. Isaías está falando ao rei de Judá, Acáz, que está muito perturbado, e com motivo; os dois reinos ao norte de Judá – Israel e Síria – atacaram a capital, Jerusalém, para forçá-lo a juntar-se a eles em uma aliança contra a Assíria, a potência mundial em ascensão. Ele teme que os dois adversários do norte devastem seu país. Isaías, o profeta, diz a ele que isso não acontecerá. Uma moça (não uma virgem) concebeu e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, que significa “Deus é conosco”**. Que Deus é “com” o povo de Judá ficará evidente, pois, antes que a criança tenha idade suficiente para saber a diferença entre bem e mal, os dois reinos que estão atacando Jerusalém serão dispersos e os bons tempos estarão de volta para Acáz e sua gente. É a isso que Isaías se refere. <sup>(69)</sup>

Portanto, temos aí o exegeta Bart D. Ehrman corroborando a interpretação equivocada de Isaías 7,14.

Mas, é muito interessante ver como os segmentos religiosos tradicionais se divergem a respeito da interpretação das passagens bíblicas. Veja, por exemplo, o que dizem os protestantes, em **A Bíblia Anotada**, a respeito dessa profecia de Isaías:

O sinal divino para Acáz seria de que **uma virgem** (quando a profecia foi dada, **referia-se provavelmente à mulher, na ocasião virgem, que Isaías tomaria como segunda esposa**, 8:1-4) conceberia um filho, que não teria mais que 12 ou 14 anos antes de Israel e Síria serem capturadas pela Assíria. <sup>(70)</sup>

Aqui dizem que o filho é de Isaías, não do rei Acáz como é o que se pode retirar da passagem. Por fim, agem como os outros que sempre procuram, mesmo sob pena de serem incoerentes, relacionar determinadas passagens como uma profecia a respeito de Jesus, segundo podemos confirmar na sequência dessa nota:

A virgem da profecia de Isaías é um tipo de Virgem Maria, que, pelo Espírito Santo, concebeu milagrosamente a Jesus Cristo (veja Mt 1:23). A palavra hebraica aqui traduzida por virgem é encontrada também

em Gn 24,43; Ex 2:8; Sl 68:25; Pv 30:19; Ct 1:3; 6:8, e em todas estas passagens significa **uma jovem solteira e casta**. (71)

Só que aqui, nos deparamos com um problema. É a questão do significado da palavra hebraica **almah**, para a qual encontramos esta outra explicação: “O termo hebraico ‘**almah**’ designa, quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais” (72).

Assim, se evidencia que é muito difícil estudar a Bíblia usando somente uma tradução, pouco importando qual seja a denominação religiosa que a tenha editado. A verdade é que “*Quem ouve um sino só escuta um som, não podendo, portanto, saber se está afinado*” (73). Portanto, devemos ler várias tradições, para ver se conseguimos entender os textos como eles são e não como querem que os entendamos.

Julio Trebolle Barrera, em ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*** (1993), explicando sobre a versão grega da Septuaginta, nos informa que:

O fato de os cristãos tomarem como própria a tradução da LXX e de a usarem nas controvérsias como os judeus, conduziu a uma progressiva rejeição desta versão pelos **judeus que acabaram substituindo-a por novas traduções mais fiéis ao texto rabínico**. Um exemplo típico de divergência entre o texto hebraico e o grego, citado em todas as controvérsias entre judeus e cristãos é **Is 7,14, onde a LXX traduz o termo hebraico 'almâ, “jovem (casada ou recém-casada)”, por *parthénos*, “virgem” em vez do mais apropriado *neânis*<sup>74</sup>**. Os judeus rejeitaram esta tradução da LXX, pois os cristãos viam nela uma profecia do nascimento virginal de Cristo (cf. p. 621). <sup>(75)</sup> (itálico do original)

Da página 621, citada por Julio Treballe Barrera, para evitar repetição, transcrevemos somente o que julgamos importante:

[..] O judeu Trifão replica a Justino dizendo que **o sentido da palavra hebraica 'almâ não era o de “virgem”, mas de “uma jovem mulher”, e que a passagem de Isaías referia-se simplesmente ao rei Ezequias e não a um futuro messias cristão.** <sup>(76)</sup>

Um pouco mais à frente, quando trata de “O texto grego no NT”, Julio Treballe Barreira, esclarece:

[...] Os tradutores gregos entendiam perfeitamente o sentido da palavra hebraica *'almâ*, traduzida por *parthénos* no sentido de “jovem” e não de “virgem”. Os cristãos, que criam no nascimento misterioso de Cristo, interpretavam o texto de Is como profecia do nascimento “virginal” do Messias, atribuindo ao termo *parthénos* o significado de “virgem”. (77) (itálico do original)

Ou seja, os textos são entendidos e/ou interpretados de acordo com as crenças individuais dos teólogos e não conforme o que significavam à época em que foram escritos. Infelizmente, isso ainda é muito comum nos dias de hoje, quando interpretações de conveniência vêm justificar dogmas instituídos.

Acrescentamos, por oportuno, as explicações de Carlos T. Pastorino (1910-1980) inseridas em ***Sabedoria do Evangelho. Vol. 1*** (1964):

A profecia de Isaías afirma que “uma virgem conceberá e dará à luz um filho”. O termo “virgem” merece [ser] estudado.

Em hebraico há duas palavras: *betulân*, que especificava a virgindade como certa; e *almâh* que exprimia uma oposição, sem

garanti-la. Ora, **Isaías escreve exatamente almáh**. E verificamos que, em Deut. 22:23, a noiva, e mesmo a esposa recém-casada era chamada *ne'arah betuláh*.

**Em grego a palavra παρθένος exprime o mesmo: virgem, mas em sentido genérico tanto que as moças noivas e também as recém-casadas** eram assim chamadas, e isso na própria Bíblia (cfr. Deut. 22:23; 1Reis 1:2; Ester 2:3). Em todas essas passagens, a palavra *virgem* designa a moça que é dada a alguém para *deitar-se com ele*, supondo-se que se trata de uma virgem, isto é, de moça ainda não ligada pelo casamento a um homem.

A mesma designação é atribuída a Maria, demonstrando que, ao lhe ser dada como noiva, era virgem, o que é natural e normal. **No entanto, em nenhum local dos Evangelhos se diz, nem se supõe, que Maria continuou Virgem depois. Ela era virgem quando concebeu, o que de modo geral ocorre com todas as moças.**

Esses nossos esclarecimentos não visam a diminuir o respeito e a veneração que todos temos pela Mãe Santíssima de Jesus, pois o fato da virgindade nenhuma importância apresenta diante da espiritualidade. <sup>(78)</sup>

Embora os autores Julio Trebolle Barrera e Carlos T. Pastorino diverjam quanto ao termo grego empregado no texto de Isaías, ambos confirmam o

significado de *almah*, como sendo uma jovem ou recém-casada, do que se pode compreender que ela podia ser ou não virgem, ou seja, o termo não é usado para se afirmar sobre a virgindade de alguma mulher.

Vejamos ainda estas outras opiniões:

a) Reza Aslan, em *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré* (2013):

**[...] além das narrativas da infância de Mateus e Lucas, o nascimento virginal não é nunca sequer insinuado por qualquer outra pessoa no Novo Testamento: não o é pelo evangelista João, que apresenta Jesus como um espírito sobrenatural, sem origens terrenas, nem por Paulo, que pensa em Jesus como literalmente Deus encarnado. Essa ausência levou a uma grande dose de especulação entre os estudiosos sobre se a história do nascimento virginal foi inventada para mascarar uma verdade desconfortável sobre a paternidade de Jesus, ou seja, que ele nasceu fora do casamento. <sup>(79)</sup>**

b) Jacó Abramovitch Lentsman (1908-1967), *A Origem do Cristianismo* (1961):

**A referência à profecia de Isaías é também estropiada. A passagem citada encontra-se efetivamente no livro desse**

profeta (VII, 14), mas, no contexto, ela não anuncia a vinda do Messias. A palavra hebraica *alma* nessa passagem significa “mulher jovem”, e não «virgem». E Isaías nada diz aí sobre o Messias: “Mas, antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, o país do qual tu temes os dois reis será abandonado”. (*Isaías*, VII, 16). **Isaías não atribui nada de sobrenatural ao seu nascimento, ele prediz que a criança verá a luz em uma época que precede de sete séculos a data dos evangelhos e diz, aliás, que o hão de chamar de Emanuel.** Para eliminar esta contradição, Mateus pretende que um anjo visto em sonho por José lhe ordenou que desse ao menino o nome de Jesus, que quer dizer em hebreu “Deus Salvador”.

Portanto, nada neste capítulo pode servir para confirmar a historicidade de Jesus. Ao contrário, sua genealogia, a concepção imaculada, **a citação de Isaías**, o anjo que apareceu a José, **demonstram que Mateus procurou, bastante desajeitadamente aliás, juntar as profecias sobre o Messias, e os elementos dos cultos orientais**, o que nos permite discernir facilmente as partes constitutivas do mito de Jesus. <sup>(80)</sup>

c) James D. Tabor, ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*** (2006):

Mateus faz também referência a um antigo

adágio do profeta Isaías: “eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” - como se dissesse que a gravidez de Maria era a realização dessa profecia (Isaías 7:14. <sup>(81)</sup>). **Mas Isaías faz referência a uma criança que deveria nascer na sua própria época, no século VIII a.C., cujo nascimento seria um sinal para o rei Ahaz, <sup>(82)</sup> que então governava. A palavra hebraica (*almah*) que Mateus traduz por “virgem”, em sua versão grega, significa “jovem mulher” ou “donzela”, sem introduzir qualquer implicação miraculosa. (\*)** A criança receberia o nome pouco comum de Emanuel, que significa “Deus conosco”, e Isaías garante ao rei Ahaz que, antes que essa criança tenha idade suficiente para distinguir “o bem do mal”, os assírios que ameaçavam Jerusalém e a Judeia seriam removidos da face da terra. Ahaz não teria que esperar muito tempo. **Mateus infere que a profecia de Isaías foi “realizada” pelo miraculoso nascimento virgem de Jesus – o que claramente não é o sentido do texto original. <sup>(83)</sup>**

(\*) Julgamos também necessário transcrever aqui a nota 21 do cap. I – Uma virgem conceberá..., dessa obra:

A tradução grega da Bíblia hebraica, conhecida com Septuaginta ou LXX, usou a palavra *parthenos* em Isaías 7:14. **Significa “virgem”, porém o sentido evidente do contexto não é o de uma mulher que engravida sem nenhum**

**homem, mas de uma menina virgem que nunca fez sexo ficando grávida.** Este bebê singular não nasceria de uma mulher que já teve filhos, mas de uma que era virgem quando ficou grávida. Como Mateus escreveu em grego e está citando Isaías, ele também usa a palavra *parthenos*. Quanto a Versão Revisada do Antigo Testamento foi publicada, em 1952, os tradutores empregaram corretamente o termo “jovem”, em vez do tradicional “virgem”, em Isaías 7:14. A tradução foi denunciada por muitos cristãos fundamentalistas como uma tentativa comunista diabólica de solapar a fé no “nascimento virgem de Cristo”. <sup>(84)</sup> (itálico do original)

d) Karen Armstrong, em ***A Bíblia: Uma Biografia*** (2007):

Durante esses anos sombrios Isaías fora conformado pelo nascimento iminente de um bebê real, indício de que Deus ainda estava com a casa de Davi. “Uma jovem (almah) está grávida e logo dará à luz um filho que se chamará Immanu-El (Deus-conosco)” <sup>(85)</sup> Seu nascimento seria ainda uma fonte de esperança, “uma grande luz”, para o traumatizado povo do norte, que “caminhava nas trevas” e na “profunda escuridão”. <sup>(86)</sup> **Quando o bebê nasceu, foi de fato chamado Ezequias**, e Isaías imaginou toda a Assembleia Divina celebrando a criança real, que, como todos os reis davídicos, se tornaria uma pessoa divina e um membro do conselho celeste: no dia de sua coroação, ele seria chamado de “Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz!”. <sup>(87)</sup>.

(<sup>88</sup>)

e) Sam Harris, em *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão* (2004):

[...] **Não há nenhuma evidência, a não ser nos tendenciosos escritos da Igreja surgidos depois, de que Jesus jamais tenha se considerado outra coisa a não ser um judeu entre judeu**, buscando a realização do judaísmo – e, provavelmente, o retorno da soberania judaica no mundo romano. Como muitos autores já observaram, as diferentes linhagens de profecias hebraicas que foram forçadas a coincidir com o ministério de Jesus revelam a defesa da doutrina cristã, e muitas vezes a má formação cultural dos autores dos Evangelhos.

**Para moldar a vida de Jesus conforme as profecias do Velho Testamento, os autores dos evangelhos de Lucas e Mateus, por exemplo, insistem que Maria o concebeu virgem (*parthenos* em grego), em referência à versão em grego de Isaías 7,14.** Infelizmente para os que gostam da ideia da virgindade de Maria, a palavra hebraica *almá* (para a qual *parthenos* é uma tradução errônea) significa simplesmente “mulher jovem”, sem qualquer implicação de virgindade. Parece quase certo que o dogma cristão do parto virgem, e boa parte da ansiedade resultante a respeito do sexo tenham resultado de uma tradução do

original hebraico. <sup>(89)</sup>

Outro golpe contra a doutrina do parto virgem é que os outros evangelistas, Marcos e João, parecem não saber nada a respeito disso – embora ambos se mostrem perturbados com as acusações de ilegitimidade de Jesus. <sup>(90)</sup> Aparentemente, Paulo acredita que Jesus era filho de José e Maria, e refere que Jesus “nasceu da semente de Davi segundo a carne” (Romanos 1,3 – ou seja, José era seu pai), e “nascido de mulher” (Gálatas 4,4 – significando que Jesus era realmente humano), sem referência alguma à virgindade de Maria. <sup>(91)</sup>. <sup>(92)</sup>

Confirma-se, portanto, que não se trata de profecia a respeito de Jesus, mas de algo que aconteceu no século VIII a.C.

Desse último autor, transcrevemos ainda esta frase que ele cita de Christopher Hitchens (1949-2011), que vem bem a calhar: *“O que pode ser afirmado sem provas também pode ser descartado sem provas”*. <sup>(93)</sup>

É oportuno trazermos o que Geza Vermes, em seu livro **Natividade** (2006), aborda sobre a concepção virginal e a profecia de Isaías; leiamos:

## **A concepção virginal em Mateus e a profecia de Isaías**

Até aqui, Mateus contou uma história desconcertante. A não ser pela alusão a algum tipo de envolvimento do **Espírito Santo, uma expressão para designar o poder através do qual Deus age no mundo**, o anjo do sonho não esclarece como Maria engravidou. O evangelista então intervém e lança uma nova luz sobre a questão valendo-se de uma profecia do Antigo Testamento, segundo a qual uma virgem virá a dar à luz o Salvador do povo judeu. Na versão do Evangelho para as palavras de Isaías, diz a profecia: “Eis que a *Virgem* conceberá e dará à luz um filho que se chamará *Emanuel*, que significa ‘Deus conosco’” (Isaías 7,14, em Mt 1,23).

Este é o primeiro texto bíblico apresentado como prova por Mateus em sua narrativa da infância. Em Lucas não há nenhum. Mas **esse testemunho profético**, cujo objetivo é anunciar uma gravidez milagrosa ou concepção virginal, **só é eficaz sob uma condição: ele funciona apenas se for seguida a versão da Septuaginta grega para Isaías 7,14, destinada a um público grecófono e interpretada como os leitores gregos o entenderiam**. Como se sabe, a forma que subsistiu do Evangelho de Mateus é a grega e, como tal, seu alvo era obviamente um público grego. Contudo, o público original para o qual a tradição da

narrativa do nascimento de Jesus foi desenvolvida era de judeus palestinos e o idioma em que foi inicialmente transmitida seria o aramaico ou, possivelmente, o hebraico, *não* o grego. Também é evidente que para esses palestinos, em sua maioria judeus da Galileia, o texto de Isaías teria sido extraído da Bíblia hebraica, *não* da Septuaginta grega.

O que nos deixa em um verdadeiro dilema. Para aludir à mulher que virá a conceber e dar à luz um filho, Isaías 7,14 em hebraico não se refere a uma *virgem*, ou *betulah* em hebraico, mas a uma '*almah*, isto é, “uma jovem mulher”: termo neutro que não implica necessariamente virgindade. Por exemplo, no Cântico dos Cânticos 6,8 o termo “jovens mulheres” (*'alamot*) aparece em paralelo com “rainhas e concubinas”, que seguramente não são virgens. Ademais, é muito improvável que a '*almah* mencionada em Isaías 7, a jovem que no futuro próximo há de conceber e dar à luz um filho, seja virgem. O contexto sugere que ela já é casada, e esposa do então rei judeu, Acaz, ao fim do século VIII a.C.

Quando fala em '*almah*, o texto hebraico de Isaías em lugar algum especifica que ela ainda é virgem ou que está prevista uma concepção milagrosa de qualquer tipo. O sinal profético em Isaías 7,14, em hebraico, está não na condição virginal da mãe, mas no significado do nome que ela deverá dar a

seu filho - “Emanuel” - sugerindo que o futuro príncipe, em conformidade com o bom augúrio expresso no nome, “Deus conosco” trará proteção divina aos habitantes de Jerusalém, naquela época sob ameaça de dois reis inimigos que sitiavam a cidade (ver Isaías 7,16). Considerando tudo isso, a conclusão a que se chega é que o relato semita subjacente à versão grega de Mateus que conhecemos de forma alguma poderia conter uma previsão da concepção *virginal* do Messias.

Como então esta noção entrou no Evangelho da Infância, de Mateus? Por puro acidente, o tradutor da Septuaginta usou para o termo hebraico *'almah* de Isaías 7,14 a palavra grega *parthenos* (virgem), que, no entanto, pode também significar solteira ou mulher não-casada que não seja necessariamente virgem. O Mateus “grego” ou o editor grego do Mateus semita topou com essa tradução imprecisa e a adotou. Esse feliz achado permitiu-lhe apresentar a seus leitores de fala grega a concepção de Jesus como única e situada em posição muito superior a todas as outras concepções milagrosas do Antigo Testamento.

Existe uma prova incontestável de que uma proporção substancial do público visado pelo texto final de Mateus era composta por gregos, que não tinham conhecimento do hebraico. Em Mateus 1,23, o nome hebraico “Emanuel” na citação de Isaías é

apresentado com uma tradução para explicar seu significado: “Deus conosco”. Como se sabe, o original hebraico de Isaías não inclui tal interpretação e, o que é mais importante, ela também não consta da tradução grega da Septuaginta. Os judeus da diáspora, para quem a Septuaginta foi produzida, supostamente deveriam saber o que significava Emanuel. O comentário grego a essa citação em Mateus - “que significa Deus conosco” - é obviamente criação do próprio evangelista, para auxiliar seus leitores gregos não-judeus. Assim, aplicada a Maria, a profecia de Isaías em sua versão grega destinava-se a transmitir ao público grego da narrativa mateana da infância que “Jesus-Emanuel” ou “o Messias-Filho de Deus” seria concebido através do Espírito Santo e milagrosamente gerado por Maria *na condição* de virgem.

O Mateus grego, conseqüentemente, afirma que a concepção virginal é demonstrada pela citação de Isaías. No entanto, o argumento do evangelista está invertido. Ele quer que seu leitor entenda que o evento representa o cumprimento da profecia; em outras palavras, que a concepção de Jesus por Maria ocorreu porque, de acordo com Isaías, assim estava predestinada por Deus. A verdade é bem o contrário: a ideia da “*parthenos* que concebe”, fornecida pela profecia, é que motivou a história. Foi o texto grego de Isaías 7,14 que proporcionou a Mateus uma fórmula

surpreendente para exprimir o caráter milagroso do nascimento de Jesus, como o cumprimento de uma previsão das escrituras.

Repetindo pela última vez, **a concepção virginal é uma extrapolação das palavras da Septuaginta, fazendo uso de material histórico, apresentada a, e compreendida por, leitores cristãos gentios helenistas do Evangelho de Mateus. A história do nascimento de Jesus, contada em aramaico ou hebraico e citando Isaías em hebraico, jamais poderia ter dado origem a tal interpretação.** Mas em grego, em combinação com a exegese literal do nome “Emanuel = Deus conosco” tornou-se a fonte da qual surgiu o conceito do Filho divino de mãe virgem. É preciso reiterar, mesmo que seja *ad nauseam*, que tal evolução somente foi possível em um meio cultural helenístico grecófono. Os antecedentes ideológicos da mitologia greco-romana e as lendas sobre a origem divina de figuras eminentes da época e de um passado recente (ver Capítulo 4) propiciaram um campo fértil para o crescimento do que viria a ser, no jargão teológico cristão, a *Cristologia*. Com o tempo, através de Paulo, de João e dos filosofantes Padres da Igreja gregos, essa ideia original evoluiu para a deificação de Jesus, Filho da Virgem grávida de Deus (*Theotokos*).

Também é possível contestar que a ideia da concepção virginal inferida no texto de Mateus, com seu uso da versão da

Septuaginta para Isaías, era de origem cristã-gentia helenística, pela posição adotada pelo antigo cristianismo judaico sobre o assunto. Facetas importantes da doutrina desses cristãos-judeus, conhecidos como os ebionitas ou os Pobres, foram preservadas nos escritos dos apologistas da Igreja, que procuravam refutá-las. Sob a denominação de ebionitas, devemos entender comunidades cristãs-judaicas que, após sua separação da Igreja cristã-gentia central, provavelmente na virada do século I d.C., sobreviveram ainda por mais duzentos ou trezentos anos. Através do Padre da Igreja Irineu, do fim do século II, que foi bispo de Lião, e do historiador da Igreja Eusébio de Cesareia, do século IV, sabemos que os ebionitas rejeitavam a doutrina do nascimento virgem. **Eusébio deixa claro que, para eles, Jesus era “o filho de uma união normal entre um homem e Maria”** (*História Eclesiástica* 3,27). Irineu anteriormente havia argumentado, usando frases emprestadas do Novo Testamento, que os ebionitas “se recusavam a entender que o Espírito Santo havia vindo a Maria e que o poder do Altíssimo a havia envolvido com sua sombra” (*Contra as Heresias*, 5,1, 3). Ele explicava ainda que a fim de sustentar seus ensinamentos e “puxar o tapete” da ortodoxia cristã, os ebionitas defendiam a versão grega de Teodósio e Aquila como mais correta do que a Septuaginta, e substituíram o *parthenos* (virgem) desta

última pelo termo *neanis* (jovem mulher) em sua tradução de Isaías 7,14 (*ibid.* 3,21, 1). Na opinião deles, a prova de que a Septuaginta não era confiável representava o fim da doutrina de Mateus e da Igreja cristã a respeito de concepção virginal.

Com efeito, a (*almah* do Isaías hebraico e o correspondente *neanis* de Aquila e Teodósio revelam a fragilidade da ideia do nascimento virgem, conforme concebida pelo Mateus grego. Sua adoção pelo evangelista (ou por seu editor final) tornou inevitável a revisão da formulação direta da genealogia (A gerou B etc.), com vistas a excluir a paternidade de José; e tem também o efeito imprevisto de prejudicar a prova montada para autenticar a legitimidade de Jesus como Messias descendente direto de Davi, através de José. <sup>(94)</sup> (itálico do original)

Em James D. Tabor, na obra ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*** (2006), lemos informações bem interessantes a respeito da virgindade de Maria, que merecem ser transcritas:

[...] É fácil imaginar que os cristãos primitivos acreditavam em Jesus e o queriam tão louvado e celestial quanto qualquer dos heróis e deuses gregos e romanos, e **se apropriaram dessa maneira de contar a**

**história do seu nascimento como uma maneira de afirmar que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino.** Os intérpretes modernos, que adotam essa abordagem para as histórias, afirmam habitualmente que José era provavelmente o pai, e que esses relatos sobrenaturais eram inventados pelos discípulos de Jesus para atribuir-lhe honras e promover seu status elevado de uma maneira comum a essa cultura. <sup>(95)</sup>

**[...] O ensinamento sobre a “virgindade perpétua” simplesmente não é encontrado no Novo Testamento** e não faz parte dos primeiros credos cristãos. A primeira menção oficial a essa ideia só vem a partir de 374 d.C., com o teólogo cristão Epifânio. (\*) A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. Aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria. <sup>(96)</sup> <sup>(97)</sup>

(\*) Julgamos também necessário transcrever aqui a nota 3, do cap. 4 – Filhos de outro pai, dessa obra:

**A ideia da virgindade perpétua de Maria foi afirmada no 2º Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. e no Concílio de Latrão, em 649.** Embora seja uma parte do dogma católico solidamente estabelecida, nunca foi, no entanto, objeto de uma declaração de infalibilidade pela Igreja Católica Romana. <sup>(98)</sup>

A própria disciplina dos historiadores os

obriga a trabalhar dentro dos parâmetros de uma visão científica da realidade. **As mulheres nunca engravidam sem um homem.** Portanto, Jesus tinha um pai humano, quer consigamos identificá-lo, quer não. Os corpos mortos não ressuscitam – se considerados clinicamente mortos – como fora seguramente o caso de Jesus depois da crucificação romana e de três dias em uma tumba. Portanto, se a tumba estava vazia, **a conclusão histórica é simples – o corpo de Jesus fora removido por alguém e possivelmente sepultado em outro local.** Os historiadores podem se referir ao que foi dito por Paulo ou aos relatórios sobre as aparições que circulavam na altura em que os evangelhos foram escritos, mas **esses escritos, feitos décadas depois do acontecimento, testemunham mais o desenvolvimento das crenças teológicas do que o que teria acontecido.** Alguns estudiosos questionaram a veracidade histórica da própria história da tumba vazia, argumentando ter sido desenvolvida para sustentar a alegação teológica de que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos. **Mas dada a natureza apressada e temporária do sepultamento de Jesus, era de esperar que a tumba estivesse vazia.** Nunca houve a intenção de que Jesus permanecesse naquela tumba. A questão que se põe é: o que aconteceu com seu corpo? Onde e por quem poderia ter sido sepultado permanentemente? A resposta mais curta é

que não sabemos, e qualquer sugestão é especulativa. Mas temos, ainda assim, algumas pistas em nossas fontes que nos permitem reconstruir algumas possibilidades plausíveis.

Existem algumas histórias alternativas aos evangelhos do nosso Novo Testamento. Tertuliano, um autor cristão do século III, nos fala de uma polêmica em voga nessa época: o corpo de Jesus fora removido pelo jardineiro do cemitério, que temia ver suas plantas pisoteadas pelas multidões em visita à tumba.<sup>(99)</sup> Em um antigo texto medieval chamado *Toledot Yeshu*, o jardineiro leva o corpo e o sepulta em um riacho próximo, temendo que os discípulos se antecipassem e levassem o corpo, alegando que ele havia sido ressuscitado dos mortos. Há um texto copta do século VI d.C. que até nos diz o nome do jardineiro, Filógenes. Nessa versão, o jardineiro planeja levar o corpo para sepultá-lo condignamente, mas, à meia-noite, quando fora buscá-lo, a tumba estava rodeada de anjos e ele testemunhara Jesus ressuscitando dos mortos.<sup>(100)</sup> Todas essas histórias sobre um jardineiro parecem ser embelezamento ao evangelho de João, em que Maria de Madalena, confundindo Jesus com o jardineiro, ao encontrá-lo na tumba, pergunta-lhe: “Se fosse tudo que o tiraste, dize-me onde o puseste” (João 20:15).<sup>(101)</sup>

Mulheres virgens se engravidando de deuses,

somente se vê isso na mitologia antiga, onde é coisa comum. Edward Carpenter (1844-1929), em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados** (1920) e Juan Arias, em **Jesus Esse Grande Desconhecido** (2001), nos trazem curiosas observações, quanto ao tema, vejamos:

Mas quase mais notável que a crença mundial nos salvadores é a lenda igualmente difundida de que eles nasceram de Mães-Virgens. **Não há quase nenhum deus – como já tivemos a oportunidade de ver – que seja adorado como um benfeitor da humanidade nos quatro continentes, Europa, Ásia, África e América – que não tenha nascido de uma Virgem, ou pelo menos de uma mãe que atribuisse a concepção não a um pai humano, mas sim ao céu.** E isso parece, à primeira vista, o mais surpreendente, porque acreditar em tal possibilidade é muito absurdo para nossa mente moderna. Tanto que, enquanto pareceria natural que tal lenda tivesse se espalhado espontaneamente em alguma parte incivilizada do mundo, achamos difícil entender como, nesse caso, teria se espalhado tão rapidamente por todas as partes, ou – se não se espalhou – como podemos explicar seu surgimento *espontâneo* em todas essas regiões. <sup>(102)</sup>

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus – que não teria existido realmente – elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele.

Para esses autores, **há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores**, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. **Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer.** Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidências?”.

Os adversários da historicidade do

cristianismo e defensores do Jesus mítico acreditam que muito do que aparece nos evangelhos não passa de tradução judaica de mitos egípcios. Assim, por exemplo, na ressurreição de Lázaro (um dos episódios dos evangelhos a que se atribui menos credibilidade histórica) tratou-se de aplicar a Jesus a história da múmia de Al-Azar-us, do mito egípcio de Hórus, que ocorreu mil anos antes do nascimento de Jesus.

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

O fato é que certas coisas que os evangelhos contam acerca de Jesus – justamente as que têm menos credibilidade histórica – se prestam para alimentar a teoria de que Jesus é apenas fruto de uma continuação de deuses míticos da antiguidade. <sup>(103)</sup>

Ainda em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados** (1920), Edward Carpenter lista também vinte e uma semelhanças da história de Jesus com histórias antigas de deuses, o que não deixa de ser algo surpreendente; vejamos o que ele

diz:

Na época em que viveu ou surgiu Jesus de Nazaré, e alguns séculos antes dele, o mundo mediterrâneo e as vizinhanças foi o cenário de um grande número de rituais e crenças pagãs. Havia inúmeros templos dedicados a deuses como **Apolo ou Dionísio** entre os gregos, **Hércules** entre os romanos, **Mithra** entre os persas, **Adônis e Attis**, na Síria e Phrygia, **Osíris, Ísis e Horus** no Egito, **Baal e Astarte** entre os babilônios e cartagineses, e assim por diante.

As sociedades, grandes ou pequenas, os crentes unidos e devotos ao serviço ou cerimônias conectavam-se com suas respectivas divindades e às crenças nas quais eles confessavam, relacionadas a essas divindades. É um fato extraordinariamente interessante para nós é que, apesar das grandes distâncias geográficas e diferenças raciais entre os adeptos desses diversos cultos, assim como as diferenças nos detalhes de seus serviços, as marcas gerais de suas crenças e cerimônias eram – se não idênticas – muito parecidas.

É claro que não posso me estender a respeito desses diferentes cultos, mas posso dizer que, **de todas ou quase todas as divindades acima mencionadas, se dizia e se acreditava que:**

1. Nasceram no dia ou em um muito próximo ao nosso dia de Natal.
2. Nasceram de uma mãe virgem.
3. Nasceram em uma caverna ou câmara subterrânea.
4. Viveram uma vida de dedicação à humanidade.
5. Eram chamados pelos nomes de Iluminado, Curador, Mediador, Salvador e Provedor.
6. No entanto, foram derrotados pelos poderes da Escuridão.
7. Foram para o Inferno.
8. Ressuscitaram dos mortos e tornaram-se os pioneiros da raça humana no mundo dos céus.
9. Fundaram comunidades de santos e Igrejas nas quais as disciplinas eram recebidas pelo batismo.
10. Eram celebrados em eucaristia.

Darei alguns rápidos exemplos:

**Mithra** nasceu em uma caverna, no dia 25 de dezembro.

O banquete do nascimento de Mithra era feito em Roma no oitavo dia antes das Calendas de Janeiro, sendo também o dia dos jogos circassianos, que eram consagrados ao Sol. <sup>(104)</sup>

Nasceu de uma virgem <sup>(105)</sup>. Viajou muito e

para vários lugares como Mestre e guia dos homens.

Sacrificou o Touro, símbolo do produto da terra que a luz do Sol dá. Suas grandes celebrações aconteciam no Solstício de Inverno e no Equinócio da Primavera (Natal e Páscoa).

Tinha doze seguidores ou discípulos (os doze meses).

**Foi enterrado em um túmulo, do qual ressuscitou; e sua ressurreição era celebrada anualmente com grandes festejos.**

Era chamado de Salvador e Mediador, às vezes era visto como um Cordeiro; banquetes de celebração eram oferecidos por seus seguidores em sua memória.

Esta lenda é aparente e parcialmente astronômica e em parte vegetacional; e o mesmo pode ser dito a respeito de Osiris.

**Osiris** nasceu, como Plutarco nos conta, no 361º dia do ano, ou seja, em 27 de dezembro. Ele também, como Mithra e Dionísio, era um grande viajante. Como rei do Egito, ele ensinou as artes civis aos homens e “os domou pela música e pela gentileza, e não com o uso de armas” (106).

Descobriu o milho e o vinho. Mas foi traído por Tifão, o poder da escuridão, assassinado e esquartejado. Plutarco conta: “Isso aconteceu no décimo sétimo dia do mês

Athyr, quando o Sol adentra em Escorpião” (o signo do zodíaco que indica a chegada do inverno).

Seu corpo foi colocado em uma caixa, mas depois, no décimo nono dia, ressuscitou, e, nos cultos a Mithra, Dionísio, Adônis e outros, assim como no culto a Osíris, uma imagem dentro de um caixão é mostrada diante dos pregadores e recebida com gritos de “Osíris ressuscitou”.

Seus sofrimentos, sua morte e ressurreição eram encenadas ano após ano em um grande espetáculo e Abidos <sup>(107)</sup>.

As duas lendas a seguir têm um caráter mais distinto de mitos da vegetação.

**Adônis ou Tamuz**, o deus sírio da vegetação, era um jovem muito belo, nascido de uma virgem (Natureza) e tão belo que Vênus e Perséfone (a deusa da Terra) apaixonaram-se por ele.

Para satisfazer a vontade das duas, ficou estabelecido que ele passaria metade do ano (o verão) com uma, na Terra, e a outra metade (o inverno), com a outra, no Inferno.

Foi morto por um javali (Tifão) no outono. E todos os anos as donzelas “choravam por Adônis” <sup>(108)</sup>.

Na primavera uma celebração de ressurreição acontecia – as mulheres saíam à sua procura; quando encontravam seu corpo o colocavam (uma imagem de

madeira) em um caixão ou tronco de árvore oco e faziam rituais selvagens e lamentações, seguidos por festejos por sua ressurreição.

Em Aphaca, ao Norte da Síria, e entre Byblus e Baalbec, havia um famoso túmulo e templo de Astarte, perto do qual havia um vale romântico e cheio de árvores, o local do nascimento de um certo rio Adônis – a água saindo de uma caverna, sob enormes penhascos. Ali (diziam) todos os anos um jovem Adônis era novamente ferido mortalmente, e a água do rio tornava-se vermelha por causa de seu sangue, enquanto uma anêmona vermelha crescia entre os cedros e as nogueiras (<sup>109</sup>).

A história de **Attis** é muito parecida. Ele era um jovem pastor ou boiadeiro na Frígia, consorte de Cibele (ou Dernéter) a mãe dos deuses.

Nasceu de uma virgem – Nana – que engravidou colocando uma amêndoa em seu seio.

Foi morto por um javali, o símbolo do inverno, como Adônis ou por ter praticado a automutilação (como seus padres) e sangrado até a morte, aos pés de um pinheiro (o pinheiro e a pinha são símbolos da fertilidade).

O sacrifício de seu sangue renovou a fertilidade na terra, e no ritual de celebração de sua morte e ressurreição sua imagem era

presa ao tronco de um pinheiro (compare com a crucificação). Mas voltarei a essa lenda. A adoração de Attis tornou-se muito difundida e respeitada, e incorporou-se à religião estabelecida em Roma no princípio de nossa era.

As duas lendas a seguir (lidando com Hércules e com Krishna) têm muito mais do mito solar do que do vegetal. Os dois heróis eram vistos como grandes benfeitores da humanidade; o primeiro mais no plano material, e o segundo no espiritual.

**Hércules ou Héracles** era, como outros deuses do Sol e benfeitores da humanidade, o grande Viajante. Era conhecido em muitas terras e em todas as partes era invocado como o Salvador.

Foi milagrosamente concebido por um Pai divino; quando ainda era bebê estrangulou duas serpentes que haviam sido mandadas para matá-lo.

Seus vários trabalhos para o bem do mundo foram separados em doze, simbolizados pelos signos do zodíaco. Matou o leão de Nemeia e de Hidra (cria de Tifão) e o Javali. Derrotou a Corça e limpou os currais Augianos; venceu a Morte e, descendo até Hades, trouxe Cérbero e subiu de volta ao céu. Foi acompanhado pela gratidão e as orações dos mortais.

Quanto a **Krishna**, o deus da Índia, as coincidências com as divindades citadas

anteriormente são muito grandes para não serem percebidas e muito numerosas para serem completamente gravadas.

Ele também nasceu de uma virgem (Devaki) em uma manjedoura <sup>(110)</sup> e seu nascimento foi anunciado por uma estrela. Queriam matá-lo e um massacre de crianças foi ordenado.

Em todas as partes ele executou milagres, ressuscitando os mortos, curando os leprosos, os surdos e os mudos, e ajudando os pobres e oprimidos.

Tinha um discípulo, Arjuna (cf. João), diante de quem se transfigurou <sup>(111)</sup>.

Sua morte foi narrada de modos diferentes – levou uma flechada ou foi crucificado em uma árvore. Foi para o Inferno e ressuscitou dos mortos, subindo ao céu perante muitas pessoas. Voltará no último dia para ser o juiz dos vivos e dos mortos.

Essas são as lendas envolvendo as divindades pagãs e pré-cristãs – explicadas rapidamente agora, para termos uma ideia realista do assunto; mas, devo falar com mais detalhes sobre a maioria delas.

O que podemos perceber claramente, até agora, são dois pontos; por um lado a semelhança dessas histórias com a de Jesus Cristo; e, por outro, a analogia que fazem com os principais fenômenos da Natureza como ilustradas pelo percurso do Sol no céu e as mudanças da vegetação na Terra.

O primeiro ponto mencionado, **a semelhança dessas lendas pagãs antigas e suas crenças, com as tradições cristãs, era de fato tão grande que chamava a atenção e causava a ira dos primeiros padres cristãos.** Eles não tinham dúvidas a respeito das semelhanças, mas, sem saber como explicá-las, voltavam-se para a inocente teoria de que o Demônio – para confundir os cristãos – tinha, séculos antes, feito os pagãos adotarem certas crenças e práticas! (Muito ardiloso, da parte do Demônio, devemos dizer, mas também bastante inocente da parte dos padres por acreditarem nisso!). Justin Martyr, por exemplo, descreve <sup>(112)</sup> a instituição da Ceia do Senhor como narrada nos evangelhos, e continua dizendo: “os demônios imitaram os mistérios de Mithra, mandando que as mesmas coisas fossem feitas. Aquele pão e copo d’água são colocados com certos encantamentos nos ritos místicos de alguém que está sendo iniciado que vocês sabem ou podem aprender”. Tertuliano também diz que <sup>(113)</sup> “o demônio pelos mistérios de seus ídolos imita até mesmo a parte principal dos mistérios divinos”... “Ele batiza seus adoradores com água e faz que eles acreditem que tal ritual os livra de seus pecados”... “Mithra faz sua marca na testa de seus soldados; celebra a oblação do pão; mostra uma imagem da ressurreição e apresenta a coroa e a espada de uma só vez; impõe o limite de apenas um casamento a

seu padre principal; tem até suas virgens e seus beatos” (114) Cortez, também, será lembrado, reclamava que o demônio ensinara positivamente aos mexicanos as mesmas coisas que Deus ensinara aos cristãos.

Justin Martyr, em *Dialogue with Trypho*, diz que o nascimento na manjedoura era o protótipo do nascimento de Mithra na caverna de Zoroastrianismo; e diz que Cristo nasceu quando o Sol nasce no Estábulo Augiano (115), vindo como um segundo Hércules para purificar um mundo errante; e Santo Agostinho diz “nós temos esse dia (o Natal) como sagrado, não como os pagãos, por causa do nascimento do Sol, mas por causa do nascimento Dele, que o criou”. Há muitas outras frases dos primeiros padres com suas atribuições revoltadas a respeito das semelhanças ao trabalho do mal; mas não precisamos nos aprofundar nelas. Nós não precisamos nos revoltar. Pelo contrário, podemos ver agora que essas fortes críticas dos escritores cristãos são a prova de como e até que ponto na expansão do Cristianismo no mundo ele havia se tornado fundido com os cultos pagãos existentes anteriormente.

Apenas no ano 530 d.C. – cinco séculos depois do suposto nascimento de Cristo – que o monge Dionysius Exiguus, um abade e astrônomo de Roma, recebeu a tarefa de estabelecer o dia e o ano daquele nascimento. Um grande problema, levando-se em consideração a ciência histórica da

época! Para o ano ele colocou a data que agora usamos<sup>(116)</sup>. e para o dia e mês ele escolheu 25 de dezembro – uma data popular desde 350 a.C., e a mesma data, com uma diferença de um dia ou dois, do suposto nascimento dos antigos deuses do Sol <sup>(117)</sup>. <sup>(118)</sup>

**A história de Jesus, como vemos, tem muita semelhança com as histórias dos antigos deuses Sol** e com o percurso atual do Sol nos céus – tantas coincidências, que não podem ser atribuídas à mera coincidência ou até mesmo a blasfêmias do Demônio! **Vamos enumerar algumas delas.** Há (1) o nascimento da Virgem; (2) o nascimento na manjedoura (caverna ou câmara subterrânea); e (3) em 25 de dezembro (logo depois do Solstício de Inverno). Há (4) a Estrela do Leste (Sírio) e (5) a chegada dos magos (os “Três Reis”); há (6) o Massacre dos Inocentes, e o voo para um país distante (dito também de Krishna e outros deuses Sol). Há os festivais da Igreja de (7) Candelária (2 de fevereiro), com procissões das velas para simbolizar a luz crescente; há (8) a Quaresma, ou a chegada da primavera; há o (9) dia de Páscoa (normalmente em 25 de março) para celebrar a travessia do Equador pelo Sol; e (10) simultaneamente a explosão de luzes no Sepulcro Sagrado em Jerusalém. Há (11) a Crucificação e a Morte do carneiro-deus, na sexta-feira santa, três dias antes da Páscoa;

há (12) a prisão feita com pregos em uma árvore, (13) o túmulo vazio, (14) a Ressurreição (nos casos de Osíris, Attis e outros); há (15) os doze discípulos (os signos do Zodíaco); e (16) a traição de um dos doze. Depois, há (17) o Dia do Meio do Verão, o dia 24 de junho, dedicado ao nascimento de João Batista, e correspondente ao dia de Natal; há as festas da (18) Assunção da Virgem (15 de agosto) e do (19) nascimento da Virgem (8 de setembro), correspondentes ao movimento do Sol por Virgem; há o conflito de Cristo e seus discípulos com os asterismos outonais, (20) a Serpente e o Escorpião; e finalmente há um fato curioso de que a Igreja (21) dedica o dia do Solstício de Inverno (quando qualquer um pode, naturalmente, duvidar do renascimento do Sol) a São Tomé. que duvidava que a Ressurreição fosse verdadeira! Algumas coincidências, mas não todas, estão em questão. Mas elas são suficientes, acredito eu, para provar – mesmo permitindo possíveis margens de erro – a verdade de nossa contenção geral. Entrar no paralelismo dos caminhos de Krishna, o deus Sol indiano, e Jesus demoraria muito tempo; porque, de fato, a semelhança é muito grande. Eu proponho, no entanto, ao final deste capítulo, que nos aprofundemos um pouco na festa cristã da Eucaristia, em parte por causa de sua relação com a derivação de rituais astronômicos e celebrações da Natureza já referidas, e em parte por causa da luz que a

festa geralmente, seja ela cristã ou pagã, joga sobre as origens da Mágica Religiosa – um assunto que devo abordar no próximo capítulo. (119)

E, especificamente, sobre a questão do “salvador da humanidade”, Edward Carpenter e Joseph Campbell (1904-1987), em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados** (1920) e **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental** (1964), respectivamente, abordam-na da seguinte forma:

[...] em seus aspectos mais sensíveis e espirituais, como nos ritos Mithaicos, Egípcios, Hindus e Cristão, uma pessoa passava pelo véu do *maya* e de seu mundo em constante mudança, e entrava na região da paz e poder divinos<sup>(120)</sup>. Ou, novamente, a doutrina do *Salvador*. A essa eu também não preciso adicionar muito mais do que já foi dito. **O número de divindades pagãs (em sua maioria nascida de virgens e mortas de uma maneira ou outra por seus esforços de salvar a humanidade) é tão grande<sup>(121)</sup> e, portanto, difícil de precisar. O deus Krishna na Índia, o deus Indra no Nepal e no Tibet morreram para a salvação dos homens; Buddha disse, de acordo com Max Muller<sup>(122)</sup>, “Permita que todos os pecados existentes no mundo caiam sobre mim e o mundo será salvo”; o chinês Tien, o**

Sagrado - “com deus e existindo com ele para toda a eternidade” - morreu para salvar o mundo; **o egípcio Osíris** era chamado de Salvador, assim como *Horus*; assim como Mithra, **da Pérsia**; assim como **o grego Hércules** que venceu a morte apesar de seu corpo ser consumido pelas chamas da mortalidade, da qual ele subiu aos céus. O mesmo aconteceu com o frígio **Attis**, chamado de Salvador, e do sírio **Tammuz ou Adônis** – os dois que foram pregados a uma árvore, e depois renasceram de seus túmulos. **Prometheu**, o maior e mais antigo benfeitor da raça humana, foi pregado pelas mãos e pelos pés, com os braços abertos, às pedras do monte Cáucaso. **Baco ou Dionísio**, nascido da virgem Semele para ser o libertador da humanidade (Dionísio Bleutherios, como era chamado), foi cortado em pedaços, como Osíris. Mesmo em **Quetzalcoatl**, no México, o Salvador nasceu de uma virgem, foi tentado, jejuou por quarenta dias, morreu, e sua segunda vinda foi tão esperada que (como é bem conhecido), quando Cortez apareceu, os mexicanos, coitados, o receberam como o deus que voltara!<sup>(123)</sup> No Peru e entre os índios norte-americanos, no Norte e no Sul do Equador, lendas parecidas são, ou foram, encontradas. Apesar de falarmos pouco sobre o assunto, **é o bastante para provar que a doutrina do Salvador é mundial e muito antiga, e que o Cristianismo meramente apropriou-se da mesma e**

**(assim como os outros cultos) Ihe deu algumas outras cores.** Talvez essa doutrina original fosse muito melhor e muito mais conhecida, se a **Igreja Cristã não tivesse feito um esforço enorme para tomar as devidas precauções e para extinguir todas as evidências dos atos pagãos relacionados a esse assunto.** Há muita evidência de que a Igreja antiga tomou esse caminho com salvadores pré-cristãos<sup>(124)</sup>; e nos últimos tempos a mesma política tem sido mostrada pelo tratamento no século XVI dos escritos de Sahagun, o missionário espanhol – cujo trabalho já mencionei. Sahagun era um homem educado e muito inteligente que, apesar de não aceitar as barbaridades da religião asteca, foi fiel o bastante para mostrar características nas maneiras e dos costumes das pessoas, e algumas semelhanças com a doutrina e prática cristãs. Isso deixou enfurecidos os intolerantes católicos da recém-formada Igreja Mexicana.

Eles roubaram os manuscritos de Sahagun, de seu *História das coisas da Nova Espanha (1560)*, e os esconderam, e foi depois de muita briga e a decisão da Corte Espanhola que Sahagun os teve de volta. Finalmente, aos oitenta anos de idade, depois de traduzi-los para o espanhol (do original mexicano), ele mandou seus manuscritos em dois grandes volumes para a Espanha, para que ficassem em segurança; mas quase imediatamente *desapareceram* e

não mais foram encontrados! Apenas *dois séculos* depois foram reaparecer (1790) em um convento de Tolosa em Navarre. O lorde Kingsborough publicou-os na Inglaterra em 1830.

Eu já falei sobre várias das **principais doutrinas do Cristianismo – ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração – mostrando que eles não são únicos em nossa religião, mas sim comuns a quase todas as religiões do mundo antigo**. A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

**Não existe nenhuma outra doutrina no Cristianismo que seja mais apreciada e reverenciada por seus fiéis, do que aquela em que Deus sacrificou seu único filho para salvar o mundo;** também, uma vez que o filho não era apenas *parecido* com o pai, mas da mesma natureza do Pai, e igual a ele, sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o sacrifício foi uma imolação de si mesmo para o bem do mundo. A doutrina é muito mística, muito antiga e, de certa maneira, tão absurda e impossível, que tem sido um prato cheio para piadas por parte dos inimigos da Igreja; e aqui podemos

pensar, é uma crença que – seja ela considerada gloriosa ou obsoleta – é única e peculiar àquela Igreja.

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões antigas e pode nos remeter ao passado. **A palavra *hóstia***, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, **vem do latim *Hóstia*, que no dicionário significa “um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado”**. Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística – e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem –, divindade, participando do sacrifício de “si mesmo para si mesmo”. Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. “Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin, eu

para mim.” E assim por diante. Os exemplos são infinitos. “Sou a oblação”, diz Krishna no Bhagavad Gita<sup>(125)</sup>. “Sou o sacrifício, a oferenda aos ancestrais”. “No real conceito ortodoxo de sacrifício”, diz Elie Reclus <sup>(126)</sup>, “a oferenda consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa a *divindade...*” <sup>(127)</sup>

### III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

É impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o Buda. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], a cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. **E a vida, a essa altura, tinha-se tornado mitologia – segundo um padrão característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.**

Em resumo, essa **biografia arquetípica do Salvador** fala de:

1. o descendente de uma família real
2. nascido milagrosamente
3. em meio a fenômenos sobrenaturais
4. sobre quem um santo ancião (Simão =

Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e

5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.

Na sequência indiana, o herói do mundo:

6. casa-se e gera um herdeiro

7. desperta para sua missão

8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)

9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta

10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual

11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o mergulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz a luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

**Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6 a 8. Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto**

### **onde se deu o confronto com Satã.**

Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa é a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos — sejam eles maléficos (rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) — que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)

13. torna-se um pregador errante

14. prega a doutrina da salvação

15. a um séquito de discípulos e

16. a uma pequena elite de iniciados

17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda) <sup>(128)</sup>, recebe o comando e se torna o modelo da comunidade leiga, enquanto

18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), está empenhado na morte do Mestre.

**Em várias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos temas comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina.** Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela era a luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Igualmente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda cristã transfere a Árvore da Redenção para o estágio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é – como no antigo sacrifício Soma – a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*moksa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o indivíduo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato é historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C., mas se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação. <sup>(129)</sup>

São mais dois autores que confirmam a história de Jesus com a de outros personagens mitológicos.

Como ambos citaram Osíris, vejamos o que diz Richard Russell Cassaro, no capítulo “*O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos*” de **O Que a Bíblia Não nos Contou** (2006):

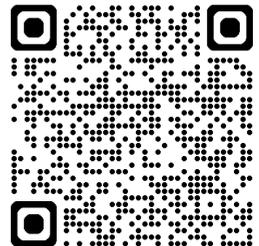
O personagem central da **antiga religião egípcia era Osíris**”, escreveu o falecido egiptólogo sir E. A. Wallis Budge, “e **os principais fundamentos do seu culto eram a crença na sua divindade, morte, ressurreição e controle absoluto do destino do corpo e da alma dos homens**. O ponto religioso central de cada osiriano era a esperança da ressurreição em um corpo transformado e da imortalidade, que ele só poderia perceber pela morte e ressurreição de Osíris. <sup>(130)</sup>

Não se pode deixar de ver que tudo isso foi, posteriormente, atribuído a Cristo. O interessante é que algumas dessas coisas também eram comuns na região da Mesopotâmia. Vejamos o que diz Samuel Noah Kramer (1897-1990), em **Mesopotâmia, o Berço da Civilização** (1967):

Desde os dias do cativeiro na Babilônia, e daí em diante, o judaísmo apresenta um enxame de místicos religiosos com visões apocalípticas sobre o futuro do homem. Por meio desses visionários, diz **o eminente orientalista W. F. Albright**, “**elementos inumeráveis da fantasia pagã e até mitos inteiros entraram na literatura do judaísmo e do cristianismo**”. Por exemplo, o rito do batismo – diz ele – remonta às religiões da Mesopotâmia, como também muitos dos elementos da história da vida de Cristo. Entre estes o Dr. Albright **inclui a sua concepção por uma virgem, o seu nascimento relacionado com os astros, e os temas da prisão, da morte, descida aos infernos, o desaparecimento por três dias e posterior ascensão aos céus.** <sup>(131)</sup>

Portanto, a mitologia pagã forneceu muitos elementos que hoje vemos em Jesus. Sabemos que isso causará espanto em alguns crentes, das igrejas cristãs tradicionais, mas não há como fugir à verdade dos fatos, ainda que isso venha a doer um pouco.

A pesquisa sobre o tema virgindade de Maria foi publicada no ebook **Nascido de Uma Virgem**, que se encontra disponível, aos



interessados, em nosso site (<sup>132</sup>).

**5)** Mateus 4,13-16: *“Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão, Galileia dos que não são judeus! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte’.”*

Profecia: **Isaías 9,1**: *“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam um país tenebroso.”*

A citação da *Bíblia Sagrada - Ave-Maria* de Isaías 9,1, está inserida no trecho de Isaías 8,23b-9,1, que, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, tem a seguinte explicação:

**Em 732 a.C., o rei da Assíria toma os territórios da Galileia e adjacências, incluindo Zabulon e Neftali. O povo do Reino do Sul teme o avanço assírio, mas o profeta mostra que Javé libertará os oprimidos e trará a paz. O que leva Isaías a essa luminosa esperança é o nascimento do Emanuel (cf. 7,14), que é Ezequias, o filho herdeiro de Acaz. O profeta prevê um chefe**

sábio, fiel a Deus, duradouro e pacífico; ele perpetuará a dinastia de Davi, estendendo o reinado deste até as regiões agora dominadas pela Assíria e organizando uma sociedade fundada no direito e na justiça.  
(<sup>133</sup>)

Assim, refere-se, como já deduzimos um pouco atrás, a uma outra pessoa, não a Jesus; trata-se do filho de Acaz chamado Ezequias.

Ao citar Isaías (9,1), não houve nenhuma preocupação em se analisar o contexto da frase, pois fazer isso é fundamental para o entendimento dela. Assim, vamos complementar com os versículos de 2 a 6. Só que agora, recorreremos à *Bíblia Sagrada - Barsa*, cujos versículos correspondentes são os números 3 a 7, por termos nela uma narrativa mais clara dos fatos ocorridos naquele momento histórico. Vamos à narrativa:

*“Multiplicaste a gente, não aumentaste a alegria. Eles se alegrarão quando tu lhes apareceres, bem como os que se alegram no tempo da messe, bem como exultam os vencedores com a presa que tomaram, quando repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo do peso que o oprimia, e a vara que lhe*

*rasgava as espáduas, e o ceptro do exator, como o fizeste na jornada de Madian. Porque todo o violento saque feito com tumulto e a vestidura manchada de sangue, será entregue à queima, e ficará sendo o pasto do fogo. Porquanto já **UM PEQUENO** se acha **NASCIDO** para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o principado sobre o seu ombro: e o nome com que se apelide será admirável, conselheiro, Deus forte, pai do futuro século, príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: assentar-se-á sobre o trono de Davi, e sobre o seu reino: para firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre. Fará isso o zelo do Senhor dos exércitos”. (134) (maiúscula do original)*

Chamamos a sua atenção, caro leitor, para a expressão **“porquanto já um pequeno se acha nascido”**, que evidencia tudo o que dissemos anteriormente, no que se refere ao fato de que essa passagem não diz respeito mesmo a Jesus, porém a uma outra pessoa, já nascida na época, conforme a narração. Ora, se já se achava nascida, não se trata de profecia, mas, sim, de confirmação de um fato já ocorrido.

Com relação aos títulos: “*admirável conselheiro, Deus forte, **Pai do futuro século, Príncipe da Paz***”, encontramos, na ***Bíblia Sagrada - Vozes***, a seguinte explicação:

**Os quatro títulos aqui empregados imitam o protocolo egípcio lido durante a coroação do novo Faraó. Trata-se, pois, de um rei ideal que é aqui anunciado. O texto refere-se, provavelmente, ainda ao mesmo Emanuel prometido em Is 7,14. <sup>(135)</sup>**

Explicação que vem também reforçar que não se trata de Jesus. Mesmo porque a expressão “*Pai do futuro século*” demonstra, claramente, que se refere ao século imediatamente seguinte àquele em que foi feita a profecia.

**6)** Mateus 8,16-17: “*À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: ‘Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças’.*”

Profecia: **Isaías 53,4**: “*Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas...*”

Os versículos compreendidos entre Isaías 52,13-53,12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53, em **A Bíblia Anotada**, são explicados da seguinte forma:

[...] Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8,35). **Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo.** O Servo, todavia, é distinto do “meu povo” (53,8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação (53,9).  
(<sup>136</sup>)

O interessante é que querem, de todas as maneiras, ainda que seja necessário desvirtuar o teor do texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, em Introdução ao livro Isaías, ainda encontramos:

**Os capítulos 40-55 foram escritos por**

**profeta anônimo**, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado **“Servo de Javé”**. <sup>(137)</sup>

Acreditamos que a afirmação de serem “escritos por um profeta anônimo” carece de prova contundente, no máximo o que se poderia dizer é “um escritor anônimo”.

Veja que até divergem quanto à questão da palavra “Servo”. Essa divergência se torna ainda mais inexplicável, pois as três Bíblias que foram consultadas, segundo dizem, são a *“palavra de Deus”* e de *“tradução diretamente dos originais”*.

Essa informação também a podemos confirmar em Bart D. Ehrman, que, em ***O Problema Com Deus*** (2008)m disse:

**Há mais de cem anos, os estudiosos se deram conta de que os capítulos 40 a 55 do livro de Isaías não poderiam ter sido escritos pelo mesmo autor responsável**

**pelos primeiros 39 capítulos** (ou a maior parte deles). Os primeiros capítulos pressupõem uma situação na qual a Assíria está prestes a atacar Judá – ou seja, foram escritos no século VIII a.C. **Os capítulos 40 a 55, por outro lado, pressupõem uma situação em que o reino do sul tinha sido destruído e seu povo, levado para o exílio – ou seja, meados do século VI a.C.** Talvez porque os dois livros têm temas proféticos semelhantes, alguém **posteriormente os somou em um único rolo, acrescentando ainda os capítulos 56 a 66, de um profeta ainda mais recente** (o Terceiro Isaías), que escreveu em um terceiro contexto. <sup>(138)</sup>

Já que falamos em Servo, e como este termo será utilizado outras vezes, embora já tenhamos mencionado, vamos, novamente, ver na **Bíblia Sagrada - Vozes** as explicações dadas sobre o Livro de Isaías o seguinte:

Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52,13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo,**

talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer. <sup>(139)</sup>

Bom; aqui assumem não saberem exatamente a que se refere a palavra “Servo”; mas, apesar disso, continuam: *“Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo”*.

Ora, ver *“ser um tipo”* não quer dizer que a profecia seja exatamente a respeito de Jesus. E mais: o Novo Testamento não vê nada; quem viu foram alguns dos autores do Novo Testamento ou, quem sabe, foram colocadas umas palavrinhas aqui, outras ali, como sendo desses autores, conforme o interesse teológico de alguns.

Convém destacar que, nessa explicação, sequer o nome de Jesus foi estabelecido alguma relação com a vinda do Messias.

Vejamos também o que Pepe Rodríguez, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*** (1997), diz a respeito do “Servo de lavé”:

[...] No texto conhecido como o Canto do Servo de lavé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12), que deve ser lido **no contexto do exílio e do cativo a que foi submetido o povo hebreu, o sacrifício expiatório dos sofrimentos do Servo (personificação da comunidade exilada e, portanto, do verdadeiro povo de Israel) é apresentado como tendo sido aceito por lavé.** Foi a maneira encontrada pela elite sacerdotal de assegurar a “salvação” de todo o povo, apesar de este nada ter feito para a merecer – “o Justo, meu Servo, muitos há-de justificar-se” (Is 53,11), ele “será a Aliança dos homens, a luz das nações” (Is 42,6).

Apesar de não haver qualquer relação entre estes textos do Velho Testamento e a história de Jesus, os cristãos transformá-lo-ão num pilar básico da sua fé, ao lê-los com a confirmação do “varão de dores” (Is 53,3) e o anúncio do papel do messias sofredor desempenhado pelo nazareno como a sua paixão e a sua morte. **Ao tornar profético o relato de Isaías, extraviando conscientemente o seu verdadeiro sentido, a Igreja intentou conferir um sentido triunfante, glorioso e divino à execução de Jesus** que, de outro modo, teria sido apenas um fracasso puro e simples. <sup>(140)</sup>

Não resta dúvida que o servo é uma referência ao povo de Israel, nada tem a ver com Jesus, a não

ser na mente dos dogmáticos.

Quanto a Ciro, que sabemos ter sido o rei da Pérsia, podemos ver que, em Isaías 44,28, ele é colocado como pastor do rebanho de Deus, e mais especificamente em Isaías 45,1 está como ungido de Deus que, para melhor destaque, grifamos:

*“Eis aqui o que diz o Senhor a Ciro **meu cristo**, a quem tomei pela destra para lhe sujeitar ante a sua face as gentes, e fazer voltar as costas aos reis, e abrir diante dele as portas, e estas mesmas portas não se fecharão.”* <sup>(141)</sup>

Especificamente quanto ao capítulo 53 do livro de Isaías, deverá ser, mais à frente, objeto de várias citações, que foi objeto de várias citações, para as quais também servem as explicações anteriores e as que estamos colocando aqui.

Esse mesmo episódio se encontra narrado em Marcos (1,32-34) e Lucas (4,40-41), entretanto não é mencionada nenhuma profecia que estaria se cumprindo, provando, portanto, a intenção de Mateus em ligar Jesus a alguma coisa do Antigo Testamento.

**7)** Mateus 12,15-21: *“Jesus soube disso, e foi embora desse lugar. Numerosas multidões o seguiram, e ele curou a todos. Jesus ordenou que não dissessem quem ele era. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Eis aqui o meu servo, que escolhi; o meu amado, no qual minha alma se compraz. Colocarei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará o julgamento às nações. Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que ainda fumeja, até que leve o julgamento à vitória. E em seu nome as nações depositarão a sua esperança'.”*

Profecia: **Isaías 42,1-4**: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não quebrará a cana que já está rachada, nem apagará o pavio que está para se apagar. Promoverá fielmente o direito: não desanimará, nem se abaterá, até implantar o direito na terra e a lei que as ilhas esperam.”*

Muitos dos leitores da Bíblia se prendem à expressão “meu servo”, como aplicação exclusiva a

Jesus; entretanto podemos ver que em vários casos ela faz referência ao povo de Israel. Entretanto, não será difícil constatar que vários personagens bíblicos foram também chamados de “*meu servo*” como, por exemplo: Abraão (Gênesis 26,24), Moisés (Números 12,7), Caleb (Números 14,24), Davi (2 Samuel 3,18), Naamã (2 Reis 5,6), Eliacim (Isaías 22,20), Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jeremias 25,9), Zorobabel (Ageu 2,23), Jacó (Ezequiel 37,25) e, finalmente, Jó (Jó 1,8). Notemos ainda que a expressão “*meu servo*”, conforme já falamos, também é atribuída ao próprio povo de Israel.

Na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, explicam esta passagem desta forma:

É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. **Quem é esse Servo? De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicado a todo o povo pobre e fiel.** O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os

cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cf. Mt. 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5). <sup>(142)</sup>

Falando-se a respeito do livro de Isaías, além de tudo quanto já colocamos, podemos ainda acrescentar da ***Bíblia de Jerusalém***:

No livro estão inseridas quatro peças líricas, os “cânticos do Servo” (42,1-4 [5-9]); 49,1-6; 50,4-9 [10-11]; 52,13-53,12). Eles apresentam um perfeito servo de Iahweh, que reúne o seu povo e é a luz das nações, que prega a verdadeira fé, expia por sua morte os pecados do povo e é glorificado por Deus. Essas passagens estão incluídas entre as mais estudadas do Antigo Testamento, e não existe acordo nem quanto à sua origem nem quanto ao seu significado. A atribuição dos três primeiros cânticos ao Segundo Isaías é muito verossímil; é possível que o quarto seja obra de um dos seus discípulos. A identificação do Servo é muito discutida. Muitas vezes se tem visto nele uma figura da comunidade de Israel, à qual outras passagens do Segundo Isaías dão, de fato, o título de “servo”. Mas os traços individuais são marcados demais e é por isso que outros exegetas, que formam atualmente a maioria, reconhecem no Servo uma personagem histórica do passado ou do presente; nesta

perspectiva, **a opinião mais atraente é a que identifica o Servo com o próprio Segundo Isaías**; o quarto cântico teria sido apresentado após sua morte. Combinaram-se assim as duas interpretações, considerando o Servo como um indivíduo que incorporava os destinos de seu povo. Seja como for, uma interpretação que se limitasse ao passado ou ao presente não explicaria suficiente os textos. O Servo é o mediador da salvação messiânica, que uma parte da tradição judaica dava destas passagens, afora o aspecto sofrimento. [...].<sup>(143)</sup>

Apesar de sempre reconhecerem que a expressão o “Servo” se aplica ao povo de Israel, sempre apresentam um “porém”.

Realmente, algumas vezes, é usado para um indivíduo, conforme já demonstramos; entretanto, não se trata de Jesus, mas de alguém da época que viria libertá-los. É o que também, em **O Problema Com Deus** (2008), podemos depreender de Bart D. Ehrman que cita o trecho de Isaías 52:13-53:8:

Para compreender o Segundo Isaías é importante reconhecer que é explicitamente o povo de Israel, evidentemente aqueles levados para o exílio, aquele chamado de “meu servo” (41:8). Com o profeta diz

posteriormente, “Tu és meu servo Israel, aquele em que me glorificarei” (49:3). A importância disso é que algumas das passagens do Segundo Isaías foram vistas pelos primeiros cristãos como se referindo a nenhum outro além do messias, Jesus, que se acreditava ter sofrido pelos outros, dando a redenção. E de fato é difícil para cristãos familiarizados com o Novo Testamento ler passagens como **Isaías 52:13-53:8** sem pensar em Jesus:

Eis que meu Servo prosperará,  
ele se elevará, será exaltado, será posto  
nas alturas. (...)

Era desprezado e abandonado pelos  
homens,

homem sujeito à dor, familiarizado com o  
sofrimento,

como pessoa de quem todos escondem o  
rostos;

desprezado, não fazíamos caso nenhum  
dele.

E, no entanto, eram nossos sofrimentos  
que ele levava sobre si,

nossas dores que ele carregava.

Mas nós o tínhamos como vítima do  
castigo,

ferido por Deus e humilhado.

Mas ele foi trespassado por causa de  
nossas transgressões,

esmagado por causa de nossas iniquidades.

O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele,

sim, por suas feridas fomos curados.

Todos nós como ovelhas, andávamos errantes,

seguindo cada um o seu próprio caminho,

mas o Senhor fez cair sobre ele

a iniquidade de todos nós.

Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca,

como cordeiro conduzido ao matadouro;

como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores

ele não abriu a boca. (...)

[quem se preocupou] com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos?

De ter sido ferido pela transgressão do seu povo?

Vários pontos são importantes para interpretar uma passagem tão poderosa. O primeiro foi o que apresentei em um capítulo anterior: **os profetas de Israel não eram adivinhos com bolas de cristal olhando para o futuro distante (Jesus iria aparecer apenas cinco séculos depois)**; eles estavam levando a palavra de Deus a pessoas que viviam em sua própria época.

Além disso, **não há nada na passagem que sugira que o autor está falando sobre um futuro messias.** Para começar, a palavra messias nunca aparece nessa passagem (leia você mesmo o livro inteiro). Ademais, é dito que os sofrimentos deste “servo” estão no passado, não no futuro. À luz desses pontos, é fácil ver por que, **antes do cristianismo, nenhum intérprete judeu considerou que esta passagem indicava como seria o messias ou o que faria. O antigo judaísmo (antes do cristianismo) nunca teve uma ideia de que o messias iria sofrer pelos outros – por isso a enorme maioria de judeus rejeitou a ideia de que Jesus pudesse ser o messias.** O messias devia ser uma figura de grandeza e poder – por exemplo, alguém como o poderoso rei Davi – que governaria o povo de Deus. E quem foi Jesus? Um criminoso crucificado, exatamente o oposto do que um messias seria. Finalmente, é importante reiterar o ponto fundamental: o autor do Segundo Isaías nos diz explicitamente quem é o “servo” que tinha sofrido; o próprio Israel, especificamente Israel levado para o exílio (41:8; 49:2).<sup>(144)</sup>

Os cristãos, claro, acabaram passando a pensar que esta passagem estava, sim, se referindo ao seu messias, Jesus. Direi algumas palavras sobre isso em breve. Por hora, a questão é o que o Segundo Isaías poderia ter querido dizer em seu próprio contexto histórico. Se esta passagem se

refere a "meu servo, Israel": o que isso tudo significa?

Como os outros profetas, o Segundo Isaías acreditava que o pecado exigia punição. Israel, servo de Deus, exilado na Babilônia, tinha sofrido terrivelmente nas mãos de seus opressores. Esse sofrimento produziu expiação. Assim como um animal sacrificado no Templo produzia expiação do pecado, da mesma forma fizera Israel exilado. Ele tinha sofrido pelas transgressões dos outros. **Usando uma metáfora na qual Israel é identificado como um indivíduo, um “servo do Senhor”**: o Segundo Isaías indica que o povo exilado tinha sofrido de forma vicária por outros. Assim, a nação podia ser perdoada, retomar à relação certa com Deus e voltar à terra prometida.<sup>(145)</sup> Em outras palavras, a lógica dessa passagem está na compreensão clássica do sofrimento, a de que o pecado demanda uma punição e que o sofrimento é fruto da desobediência.<sup>(146)</sup>

Aqui se confirma tudo o que foi dito pelos outros exegetas. E queremos chamar a sua atenção, caro leitor, para o que Bart D. Ehrman explica sobre Isaías 52,13-53,8, uma vez que esse trecho bíblico foi mencionado no item 16, servindo, portanto, de complemento ao que ali nós dissemos.

**8)** Mateus 13,13-15: *“Eis por que vos falo em parábolas: Para que vendo, não vejam, e ouvindo, não ouçam nem compreendam. Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Ouvireis com vossos ouvidos e não entenderéis, olhareis com os vossos olhos e não vereis, porque o coração deste povo se endureceu: taparam os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos para que seus olhos não vejam, e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare’.”*

Profecia: **Isaías 6,8-10**: *“Em seguida ouvi a voz do Senhor que dizia: ‘Quem hei de enviar? Quem irá por nós?’, ao que respondi: ‘Eis-me aqui, envia-me a mim’. Ele me disse: ‘Vai e dize a este povo: Podereis ouvir certamente, mas não entenderéis; podereis ver certamente, mas não compreenderéis. Embora o coração deste povo, torna-lhe pesados os ouvidos, tapa-lhe os olhos, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, seu coração não compreenda, não se converta e não seja curado’.”*

Essa passagem de Isaías se refere a ele mesmo, no início de sua vocação profética, conforme podemos comprovar com esta explicação na **Bíblia de Jerusalém**:

**A prontidão de Isaías** lembra a fé de Abraão (Gn 12,1-4) e contrasta com as hesitações de Moisés (Ex 4,10-12) e sobretudo de Jeremias (Jr 1,6). **A pregação do profeta** embaterá na incompreensão de seus ouvidos. Os imperativos aqui usados não devem causar ilusão, equivalem a indicações (cf. 29,9): Deus não quer essa incompreensão, ele a prevê, ela serve aos seus desígnios. Ela desvela o pecado do coração e precipita o julgamento; comparar com o endurecimento do faraó (Ex 4,21; 7,3 etc.) (<sup>147</sup>)

Assim, não deveria ter sido tomada à conta de uma profecia.

**9)** Mateus 17,5: *“Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz’.”*

Profecia: **Isaías 42,1**: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado.”*

Novamente o capítulo 42 de Isaías está sendo usado fora do contexto, embora poucos exegetas considerem essa passagem de Mateus como uma profecia.

Qualquer passagem bíblica que pegarmos e dela tirarmos uma frase isolada do contexto, ela se aplicará ao que for do nosso interesse; não é mesmo?

**10)** Mateus 27,57-60: *“Ao entardecer, chegou um homem rico de Arimateia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus. Ele foi procurar Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos deu ordem para que o cadáver fosse entregue a José. José, tomando o corpo, o envolveu num lençol limpo, e o colocou num túmulo novo, que ele mesmo havia mandado escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra para fechar a entrada do túmulo, e retirou-se.”*

Profecia: **Isaías 53,9**: *“A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca.”*

James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, esclarece-nos que:

**A afirmação de Mateus, de que José de Arimateia depositou Jesus em “sua tumba nova, que havia aberto em rocha”, é um**

**acrécimo editorial aparentemente sem qualquer base histórica.** Sabemos que a única fonte de Mateus sobre a morte e o sepultamento de Jesus foi o evangelho de Marcos. Como Marcos nada diz sobre José ser dono da tumba, e Lucas, que também usa Marcos como fonte, não possui essa alegação, **fica claro que Mateus acrescentou essa ligação, provavelmente por razões teológicas.** Décadas após a morte de Jesus, quando Mateus escreveu seu evangelho, **os cristãos estavam dispostos a provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53.** Uma das coisas que diz Isaías sobre essa figura é que “puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte” (Isaías 53:9). Aparentemente, **Mateus embarcou na ideia de um “homem rico” e queria atribuí-la a José de Arimateia, como forma de demonstrar que Jesus cumpria a profecia. Mateus tinha como característica editar suas fontes, na tentativa de inserir cumprimentos de profecias na vida de Jesus. Ele o faz dezenas de vezes. Mateus parece estar tão sequioso para extrair essa citação de Isaías 53:9, que parece ignorar o fato de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como “rico”, como também como “ímpio”.<sup>(148)</sup>**

Este trecho que finaliza o argumento de James

D. Tabor é fatal: *“Mateus [...] parece ignorar o fado de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como ‘rico’, como também de ‘ímpio’.”*

## **Evangelho de Lucas**

**11)** Lucas 1,30-33: *“<sup>30</sup> O anjo disse: Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. <sup>31</sup> Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus. <sup>32</sup> Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor Deus dará a ele o trono de seu pai Davi, <sup>33</sup> e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.”*

Profecias: **Isaías 7,14**: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel.”* (para v. 31) e **Isaías 9,6**: *“Grande será o seu domínio, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e seu reino, firmado e reforçado com o direito e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo de Javé dos exércitos é quem realizará isso.”* (cita-se tb 2 Samuel 7,1 e Daniel 7,14, para v. 32-33)

As profecias aqui citadas foram tomadas da *Bíblia de Jerusalém*.

O versículo 7, do capítulo 14 de Isaías, já foi analisada, sigamos para as outras passagens.

Quanto a Isaías 9,6, a questão é será, de fato, uma profecia? Como vimos em uma explicação da *Bíblia Sagrada - Pastoral* <sup>(149)</sup>, em Isaías 9,6, o profeta se refere a Ezequias, o filho herdeiro de Acáz, portanto, o “*ele perpetuará a dinastia de Davi*” e, por consequência, nada tem a ver com Jesus na condição de descendente desse.

Em ***A História de Israel no Antigo Testamento*** (1960), autoria de Samuel J. Schultz (1914-2005), pode-se, facilmente, corroborar isso:

[...] Em contraste com governantes iníquos, **Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi**. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora a promessa de um reino universal e perene.

O justo governante é apresentado em Is 7:14 como o Emanuel, que significa “Deus conosco”. <sup>(150)</sup> Por certo **o ímpio Acáz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa**, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa pareceu vaga e ambígua para

aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional – mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maer-Salal-Has-Baz). Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (veja Is 8:5-10), para em seguida ser libertada, **a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9:1-7. Isso seria concretizado através do nascimento de um filho que identificado como “Poderoso Deus”,** o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas Suas características transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da Sua onisciência e onipotência.

O reino será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os ímpios serão destruídos pela palavra proferida pelo justo governante, e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade. [...].<sup>(151)</sup>

Confirma-se, portanto, que a preocupação de Isaías está relacionada aos acontecimentos que naquele momento histórico vivia o povo hebreu, portanto, nada para um futuro longínquo como querem nos fazer crer.

Em **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: Como a Bíblia Foi Manipulada** (1997), o autor Pepe Rodríguez explica:

Há ainda outra passagem do livro de Isaías que tem sido relacionada com o nascimento de Jesus. No entanto, dado o contexto histórico em que esse livro foi escrito, é evidente que se trata de mais uma relação indevida. A passagem diz o seguinte: “O facto é que nos nasceu um recém-nascido, foi-nos dado um filho. A soberania repousa sobre os seus ombros e foi-lhe dado o nome: maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz <sup>(152)</sup>. **Ele dilatará a soberania numa paz sem fim, sobre o trono de David**, com a sua autoridade real. Há-de firmá-lo sobre os alicerces do direito e da justiça, desde agora e para sempre. O zelo de lavé dos exércitos fá-lo-á de certeza” (Is 9, 5-6).

Tal como mostrámos na secção dedicada aos profetas, esta é uma típica *profecia* de consolação, que, além de exaltar a casa de David – de que Isaías era um preclaro assessor –, esboça, em conjunto com os versículos de Is 11, **a visão fundadora do messianismo judeu, da expectativa de um futuro monarca poderoso e justo que dilataria o reino de Israel num ambiente de paz e de justiça**. Isaías sonhava com a entronização de um rei, pelo menos tão forte

como David – um rei como ainda ninguém vira governar em Israel. Pode dizer-se, no entanto, que **nunca lhe passou pela cabeça que a esperança do “povo de lavé” consistisse em aguardar o filho de um carpinteiro que acabaria justicado na cruz após dois breves anos de pregação.**

O que se pode concluir de tudo quanto dissemos sobre o Evangelho de **Mateus, o grande avalizador da virgindade de Maria, é que não existe no Antigo Testamento nenhuma profecia sobre essa virgindade nem sobre o nascimento prodigioso de Jesus.** Também podemos concluir que, dada a propensão de Mateus para construir *inspirados* castelos comprovativos, fundados em passagens veterotestamentárias dos Setenta, eivadas de erros de tradução, **a credibilidade do seu relato sobre as matérias em apreço deve, no mínimo, ficar suspensa.** <sup>(153)</sup>

É fácil ver que a conclusão de Pepe Rodríguez tem fundamento, mas isso não é algo a se esperar dos inocentes que acreditam piamente que os textos da Bíblia foram todos eles inspirados por Deus.

**12)** Lucas 4,16-21: *“Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o*

livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor'. Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabaram de ouvir'."

Profecia: **Isaías 61,1-2**: "O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião."

Em consulta, no Novo Testamento, vemos que dos autores de Mateus e de João, somente o primeiro fala desse acontecimento, mas nada mencionando a respeito da leitura do livro de Isaías.

O autor de Lucas, compôs suas narrativas por pesquisas ou informações obtidas de outras pessoas e, quem sabe, de textos já existentes, como por exemplo, o de Marcos.

O autor de Marcos age como o de Mateus, ou seja, registra o episódio sem citar a leitura. Somente Lucas é quem cita essa leitura, o que já nos deixa intrigados se o fato foi real ou não, Jesus saberia ler?

No livro **Jesus: Uma Biografia Revolucionária** (1995), o teólogo John Dominic Crossan, *“conhecido por ser o co-fundador do controverso Jesus Seminar, é uma figura importante no campo da arqueologia bíblica, antropologia, Novo Testamento e Alta Crítica”* <sup>(154)</sup>, explica-nos:

**Se Jesus era carpinteiro**, portanto, ele pertencia à classe dos Artesãos, esse grupo empurrado para o perigoso espaço entre os Camponeses e os Degradados ou Dispensáveis. **Saliento que qualquer decisão sobre a classe sócio-econômica de Jesus deve ser tomada não em termos da teologia cristã, mas da antropologia intercultural**, não em termos daqueles interessados em exaltar Jesus, mas em termos daqueles que sequer pensam na existência dele. Além do mais, já que **entre**

**95 e 97% do estado judaico eram analfabetos na época de Jesus, deve-se supor que Jesus também era analfabeto,** que ele conhecia, como a ampla maioria de seus contemporâneos de uma cultura oral, as narrativas fundacionais, histórias básicas, e expectativas gerais de sua tradição, mas não os textos exatos, citações precisas ou argumentações intrincadas de suas elites de escribas. **Cenas,** em outras palavras, como em Lucas 2,41-52, **em que a sabedoria jovem de Jesus** espanta seus cultos mestres no Templo em Jerusalém, ou Lucas 4.1-30, em que **sua capacidade adulta para encontrar e interpretar uma certa passagem de Isaías** espanta seus companheiros aldeões na sinagoga em Nazaré, **devem ser vistas claramente pelo que são:** propaganda de Lucas reformulando o desafio e o carisma orais de Jesus em termos de instrução e exegese de escriba. (155)

A enorme possibilidade de “*Jesus também ser analfabeto*” é um ponto bem interessante que a esmagadora maioria dos crentes não leva em consideração, por estar acostumada aos tempos atuais onde ocorre o contrário, ou seja, os analfabetos estão em minoria.

No vídeo **“Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?”**, parte 2 <sup>(156)</sup>, publicado no YouTube em



Por que Jesus não leu um trecho de Is :  
numa sinagoga? | Por que Jesus era...

Juliana Cavalcanti

03/05/2022, a historiadora e pesquisadora Juliana Cavalcanti questiona a existência de uma Sinagoga em Nazaré, que, segundo ela, estava numa área rural.

Mais ainda, Juliana Cavalcanti sugere que também nós mesmos façamos a comparação. Mãos na massa, resultou no seguinte quadro, que demonstra a divergência da narrativa.

<b>Isaías 61,1-2</b>	
<b>Em Isaías</b>	<b>Em Lucas</b>
<i>O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres,</i>	<i>O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres;</i>

	enviou-me
<b>para curar os corações feridos,</b>	
para proclamar a libertação dos escravos	para proclamar a libertação aos presos
	<b>e aos cegos a recuperação da vista;</b>
e pôr em liberdade os prisioneiros,	para libertar os oprimidos, e
para promulgar o ano da graça de Javé, <b>o dia da vingança do nosso Deus</b>	para proclamar um ano de graça do Senhor'
<b>e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião.</b>	

A questão que se propõe é: Por que a divergência sobre a fala de Isaías? A historiadora Juliana Cavalcanti, no vídeo mencionando, explica o seguinte:

**Lucas** estava construindo um texto de Isaías, pegando trechos e escrevendo do jeito que lhe interessava. E **projeta isso na boca de Jesus, para projetar Jesus como**

**um mestre, messias.** E não que Jesus está lendo. <sup>(157)</sup>

As explicações da *Bíblia de Jerusalém*, sobre essa passagem de Isaías, podem nos ajudar a entender o texto; vejamos:

O profeta, muito provavelmente o autor dos caps. 60 e 62, anuncia que recebeu de Deus uma mensagem de consolação (vv.1-3): reconstruir-se-á (v. 4); os estrangeiros assegurarão as necessidades materiais de Israel, transformando em povo de sacerdotes e cumulado de glória (vv. 5-7); Deus toma a palavra para estabelecer aliança eterna (vv. 8-9). Os vv. 10-11 são uma ação de graças do profeta que fala em nome de Sião. Este poema repercute os cânticos do Servo (cf. 42,1; 42,7; 49,49, e também 50,4-11, onde quem fala é o Servo, como aqui). <sup>(158)</sup>

Do que concluímos que são citações que se aplicam a Isaías, portanto não se trata de uma profecia. Mas, supondo que Jesus tenha realmente lido essa passagem de Isaías, isso, por si só, não a torna uma profecia.

O que poderia ter ocorrido é que Jesus aplicou à sua missão uma origem divina, afirmando que agia

pelo Espírito de Deus, que permanecia sobre ele. Essa é uma certeza que temos. Independentemente de alguma profecia, isso poderia acontecer; mas, nem sempre, o homem está em plenas condições vibracionais de receber as instruções do plano espiritual, transmitidas à humanidade por vontade do Criador; por isso, muitas vezes as deturpa ou as modifica, conforme sua maneira de pensar.

Com isso não estamos negando o valor inestimável de seus ensinamentos; muito ao contrário, já que achamos que Ele é inigualável em tudo o que fez, disse ou exemplificou.

**13)** Lucas 24,25-27.44-47: *“Então Jesus disse a eles: ‘Como vocês costumam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?’ 27 Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele.”*

Profecias: **Isaías 7,14:** *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome*

de Emanuel.” (cita-se tb Gênesis 3,15, Deuteronômio 18,15, Ezequiel 34,23 e Miqueias 7,20, para o v. 27)

Quanto a Isaías 7,14, já comentamos.

**14)** Lucas 24,44-48: *“Jesus disse: ‘São estas as palavras que eu lhes falei, quando ainda estava com vocês: é preciso que se cumpra tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.’ Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras. E continuou: ‘Assim está escrito: ‘O Messias sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, e no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém’. E vocês são testemunhas disso.”*

Profecias: a) **Isaías 49,6.22:** *“Ele diz: ‘É muito pouco você tornar-se o meu servo, só para reerguer as tribos de Jacó, só para trazer de volta os sobreviventes de Israel. Faço de você uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra’. Assim diz o Senhor Javé: ‘Olhe! Com a mão eu faço um sinal para as nações, ergo a minha bandeira para os povos e, então, no colo e nos ombros eles trarão os filhos e as filhas que pertencem a você.’”;  
**Isaías 53,1-12:** *“Quem acreditou em nossa**

*mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé? Ele cresceu como broto na presença de Javé, como raiz em terra seca. Ele não tinha aparência nem beleza para atrair o nosso olhar, nem simpatia para que pudéssemos apreciá-lo. Desprezado e rejeitado pelos homens, homem do sofrimento e experimentado na dor; como indivíduo de quem a gente esconde o rosto, ele era desprezado e nem tomamos conhecimento dele. Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado. Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A*

*sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.”;* (cita-se tb Gênesis 12,13, Daniel 9,22-24, Oseias 6,2, Miqueias 4,12) e b) Salmo 2; Salmo 16; Salmo 22; Salmo 69, Salmo 72 e Salmo 110.

Os onze discípulos estavam reunidos em Jerusalém, quando Jesus “*se apresentou no meio deles*” (Lucas 24,33-36), esse é o contexto dessa passagem de Lucas.

As duas passagens de Isaías têm como origem

um “profeta” anônimo, que utilizava a termo “servo” para designar o povo de Israel, nada além disso.

## **Evangelho de João**

**15** João 1,43-45: *“No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia. Encontrou Filipe e disse: ‘Siga-me.’ Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe se encontrou com Natanael e disse: ‘Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os profetas: é Jesus de Nazaré, o filho de José.’”*

Profecias: **Isaías 4,2**: *“Nesse dia, o que Javé fizer brotar será honra e glória, fruto da terra, motivo de orgulho e esplendor para os sobreviventes de Israel.”* (cita-se tb Gênesis 3,15 e Zacarias 6,12)

As passagens citadas como profecias, incluindo Isaías 4,2, nada têm a ver com o teor de João 1,43-45. É contorcionismo dos teólogos para relacionar Jesus com o Antigo Testamento, porém sem nenhuma base lógica caem por si mesmas.

**16)** João 5,39-40: *“Vocês vivem estudando as Escrituras, pensando que vão encontrar nelas a vida eterna. No entanto, as*

*Escrituras dão testemunho de mim. Mas vocês não querem vir a mim para terem a vida eterna.”*

*Profecias: **Isaías 8,20**: “Comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles.” (cita-se tb Deuteronômio 18,15)*

Em relação a Isaías 8,20, na *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, lemos: “*Versículo do texto corrompido, que não se sabe como traduzir nem a que relacionar.*” <sup>(159)</sup> Acreditamos não ser necessário acrescentar alguma coisa a mais.

**17)** *João 12,37-41: “Apesar de Jesus ter realizado na presença deles tantos sinais, não acreditaram nele. Assim se cumpriu a palavra dita por Isaías: ‘Senhor, quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi revelada a força Senhor?’ O próprio Isaías mostrou a razão pela qual eles não podiam acreditar: ‘Deus cegou os olhos deles e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e não compreendam com o coração, a fim de que não se convertam, e eu tenha que curá-los’. Isaías falou assim, porque viu a glória de Jesus e falou a respeito dele.”*

Profecia: **Isaías 53,1**: “Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé?” e **Isaías 6,10**: “Torne insensível o coração desse povo, ensurdeça os seus ouvidos, cegue seus olhos, para que ele não veja com os olhos nem ouça com os ouvidos, nem compreenda com o seu coração, nem se converta, de modo que eu não o perdoe.”

Esta passagem é parecida com Mateus 13,13-15, cuja citação da profecia de Isaías é a mesma (6,10), que comentamos mais no início deste estudo. Quanto ao capítulo 53, de Isaías já falamos anteriormente.

## **Atos dos Apóstolos**

**18)** Atos 8,30-35: “Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías, e perguntou: ‘Você entende o que está lendo?’ O eunuco respondeu: ‘Como posso entender, se ninguém me explica?’ Então convidou Filipe a subir e sentar-se junto a ele. A passagem da Escritura que o eunuco estava lendo era esta: ‘Ele foi levado como ovelha ao matadouro. E como um cordeiro perante o seu tosquiador, ele ficava mudo e não abria a boca. Eles o humilharam e lhe negaram a justiça. Quem poderá contar seus seguidores? Porque eles o arrancaram da

terra dos vivos'. Então o eunuco disse a Filipe: 'Por favor, me explique: de quem o profeta está dizendo isso? Ele fala de si mesmo, ou se refere a outra pessoa?' Então Filipe foi explicando. E, tomando essa passagem da Escritura como ponto de partida anunciou Jesus ao eunuco."

Profecia: **Isaías 53,7-12**: "Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado, Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o

*despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.”*

A respeito do capítulo 53 do livro de Isaías já fizemos anteriormente nossos comentários. Não o faremos novamente, para não nos tornarmos mais repetitivos do que o necessário.

**19)** Atos 13,22-23: *“Após depor Saul da realeza, Deus suscitou para eles o rei Davi, do qual prestou o seguinte testemunho: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração; ele cumprirá todas as minhas vontades’. Conforme havia prometido, Deus fez surgir da descendência de Davi um Salvador para Israel, que é Jesus.”*

Profecia: **Isaías: 11,1-2:** *“Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé.”* (v. 1 da Bíblia Shedd)

A explicação para Isaías 11,1-9, na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, é a seguinte:

**Isaías projeta para o reinado de**

**Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena** (cf. 6,13; 7,14 e em nota 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. <sup>(160)</sup>

Mais uma explicação pela qual se pode ver que se refere Jesus, mas de Ezequias, filho do rei Acáz. Mas, como, várias vezes dissemos, é notória a intenção de relacionar passagens do Antigo Testamento, erroneamente interpretadas como profecias relacionadas à de Jesus.

**20)** Atos 13,26-41: *“Irmãos, descendentes de Abraão e não-judeus que adoram a Deus, esta mensagem de salvação foi enviada para nós. Porque os habitantes de Jerusalém e seus chefes não reconheceram a Jesus e, ao condená-lo, cumpriram as profecias que são lidas aos sábados. Embora não encontrassem nenhum motivo para condenar Jesus à morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de fazerem tudo o que a Escritura diz a respeito de Jesus, eles o tiraram da cruz e o puseram num túmulo. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, e durante muitos dias ele apareceu àqueles que o acompanharam da*

*Galileia para Jerusalém. Agora, eles são testemunhas de Jesus diante do povo. Nós anunciamos a vocês este Evangelho: a promessa que Deus fez aos antepassados, ele a cumpriu plenamente para nós, seus filhos, quando ressuscitou Jesus, como está escrito no segundo Salmo: 'Você é o meu filho, eu hoje o gerei'. Deus ressuscitou Jesus dos mortos, para que nunca voltasse à corrupção. Isso, ele o disse desta maneira: 'Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi'. Por isso diz também em outro lugar: 'Não permitirás que teu fiel conheça a corrupção'. Ora, tendo cumprido a missão que Deus lhe dera para sua época, Davi morreu, foi para junto de seus pais e conheceu a corrupção. Mas aquele que Deus ressuscitou não conheceu a corrupção. Portanto, fiquem sabendo bem, irmãos, que por meio dele é anunciado a vocês o perdão dos pecados. E, por meio dele, todo aquele que acredita é justificado de todas as coisas de que vocês não puderam ser justificados pela Lei de Moisés. Portanto, tenham cuidado para que não aconteça a vocês o que os profetas disseram: 'Olhem, desprezadores, se admirem e desapareçam! Porque nos dias de vocês vou realizar uma coisa que vocês não acreditariam se lhes fosse contada'!"*

Profecias: **Isaías 55,3**: “Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi.” (cita-se tb

Salmo 2,7, Salmo 15,10 e Habacuc 1,5)

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, temos a informação de que Isaías 55 faz parte do contexto “o servo do Senhor” (<sup>161</sup>), que é o próprio povo de Israel.

## **Carta aos Romanos**

**21)** Romanos 10,9-11: *“Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. É acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação. De fato, a Escritura diz: ‘Todo aquele que acredita nele, não será confundido.’”*

Profecia: **Isaías 28,14-16:** *“Escutem a palavra de Javé, homens arrogantes, governantes desse povo que está na cidade de Jerusalém. Vocês dizem: ‘Fizemos aliança com a morte, com a morada dos mortos fizemos um acordo: quando o flagelo destruidor passar, não nos vai atingir, pois temos um abrigo na falsidade, nós nos escondemos debaixo da mentira.’ Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida, angular, preciosa e bem firmada; quem nela confiar, não será abalado.”*

Lemos na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, a seguinte explicação para Isaías 28,14-22, portanto, abrangendo o v. 16 citado:

**Diante do perigo de uma invasão assíria**, os israelitas fizeram aliança com o Egito (= “morte”: os egípcios cultuavam o mundo dos mortos). **O profeta, porém, vê nessa aliança uma ilusão e uma farsa, pois um pacto com a falsidade não poderá dar segurança a ninguém.** Diante da insistência dos governantes em se apoiar no Egito, **Isaías compara a Assíria com o flagelo do destruidor**, que outrora passou e destruiu os egípcios, para proteger os hebreus (cf. Ex 12,13). Mas agora, **esse flagelo destruirá também os israelitas.** Somente apoiando-se em Deus e seguindo seu projeto, é que o povo encontrará forças para resistir às opressões. <sup>(162)</sup>

Entendemos que, pelo contexto, a “profecia” de Isaías se aplicaria ao povo hebreu daquela época, e não numa época futura.

Em Jerusalém, no monte Sião, foi erguido o templo, que era considerado a morada de Deus (Salmo 75,3). Em Deuteronômio 32,4 diz-se que Deus é a rocha; assim, isso leva para não ser uma

profecia a respeito de Jesus.

**22)** Romanos 11,26-27: *“Então, todo o Israel será salvo, como diz a Escritura: ‘De Sião sairá o libertador, ele vai tirar as impiedades de Jacó; essa será a minha aliança com eles, quando eu perdoar os seus pecados’.”*

Profecia: **Isaías 59,20-21**: *“Mas de Sião virá um redentor, a fim de agastar os crimes cometidos, contra Jacó - oráculo de Javé. Da minha parte, esta é a minha aliança com eles, diz Javé: O meu Espírito está sobre você, e as minhas palavras, que eu coloquei em sua boca, jamais se afastarão dela, nem da boca de seus filhos, nem da boca de seus netos, desde agora e para sempre, diz Javé”, e **Isaías 27,9**: “Pois é assim que a culpa de Jacó será apagada; será esse o fruto por ele se agastar do seu pecado, quando ele reduziu todas as pedras do altar a pedras de cal que se transformaram em pó, quando não mais erguer postes sagrados e altares de incenso.”*

Na **Bíblia Sagrada - Vozes**, as explicações para o capítulo 59, versículos 1-21, são dadas da seguinte maneira:

Aqui temos uma espécie de liturgia penitencial (cf. Jl 1-2; Jr 36) onde os temas do pecado e seu castigo se sucedem e

alternam. **Na situação difícil dos primeiros decênios do pós-exílio o povo tem a impressão que a Deus falta poder e vontade para trazer tempos melhores** (v. 1). Mas como em 50,1-2 também aqui o profeta responde que a salvação demora por causa dos pecados do povo contra Deus e contra o próximo. <sup>(163)</sup>

A explicação é suficiente para chegarmos à conclusão de que não se trata de uma profecia, mas de liturgia penitencial. E, novamente, a título de curiosidade, temos a informação de que o versículo 21 é “prosaico e obscuro, parece um acréscimo” <sup>(164)</sup>. Precisamos dizer mais alguma coisa?

Na ***Bíblia Sagrada - Pastoral*** e ***Bíblia de Jerusalém***, encontramos, respectivamente, explicações semelhantes para a passagem Isaías 27,6-9:

**Deus corrige os erros do seu povo, e muito mais os erros de seus inimigos, pois seu povo conhece seu projeto, enquanto os inimigos o desconhecem. Todavia, se a comunidade abandona os ídolos, Deus lhe envia o perdão e a renovação da vida.** <sup>(165)</sup>

**A interpretação deste passo é**

**embaraçada pela aparente desordem e pelo estado corrompido do texto.** Parece que os vv. 7-8.10-11 dizem respeito ao castigo dos opressores de Israel, identificados com a “cidade fortificada” deste apocalipse (v. 10) Os vv. 6 e 9, que são uma promessa a Israel, cuja iniquidade está sendo expiada, poderiam estar preparando o oráculo de 12-13. <sup>(166)</sup>.

Podemos concluir que, também aqui, nada há de se referir a uma profecia.

### **Primeira Carta aos Coríntios**

**23)** *1ª Coríntios 15,1-5: “Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que lhes anunciei, que vocês receberam e no qual permanecem firmes. É pelo Evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão. Por primeiro, eu lhes transmiti aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; apareceu a Pedro e depois aos Doze.”*

Profecia: **Isaías 53,5-12:** *“Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu*

sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.” (cita-se tb Salmo 16,8-10)

Quanto a Isaías esse trecho já foi mencionado anteriormente, nossos argumentos ou explicações lá estarão.

## **Primeira Carta de Pedro**

**24)** 1 Pedro 2,4-8: *“Aproximem-se do Senhor, a pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo. De fato, nas Escrituras se lê: ‘Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa. Quem nela acreditar não ficará confundido’. Isto é: para vocês que acreditam, ela será tesouro precioso; mas, para os que não acreditam, a pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a pedra angular, uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair. Eles tropeçam porque não acreditam na Palavra, pois foram para isso destinados.”*

Profecia: **Isaías 28,16**: *“Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida, angular, preciosa e bem firmada; quem nela confiar, não será abalado”*. (v. 6) e **Isaías 8,14**: *“Ele será uma armadilha, uma pedra de tropeço, um*

*obstáculo que derruba para as duas casas de Israel; um laço e uma armadilha para os habitantes de Jerusalém”. (cita-se tb Salmo 117,22, para o v. 7).*

Em Isaías 28, temos “*Profecias acerca de Judá e Israel (28-33)*” <sup>(167)</sup>, os versículos 7 a 22, relacionam-se a “*Contra a aliança Egípcia*” <sup>(168)</sup>, portanto, nada a respeito de Jesus.

Para a passagem de Isaías 8,14, encontramos esta explicação:

**Deus é muitas vezes chamado no AT “rocha” e “pedra” com sentido salvífico: esperança total. No caso, ao contrário, será pedra e rocha que se precipita contra Israel e Judá.** <sup>(169)</sup>

Com isso temos a confirmação do que estamos concluindo a respeito do assunto.

Ao que parece a preocupação de relacionar Jesus com as Escrituras iniciou-se com Paulo. Por pregar aos gentios, ele fazia de tudo para demonstrar-lhes que Jesus era o Messias previsto pelos profetas, talvez objetivando que, diante desse argumento, se convencesse que o Deus de Paulo

estava agindo a favor da humanidade, enquanto, que os outros deuses não se comportavam da mesma forma. Com essa linha de raciocínio, fatalmente, iriam considerá-lo como o Deus verdadeiro.

Em resumo temos: são 24 passagens do Novo Testamento, sendo que cinco delas têm duas citações do Antigo Testamento (<sup>170</sup>).

## Conclusão

Não vimos nada em Isaías que, seguramente, se possa atribuir a Jesus, em geral, tratam-se de interpretações de conveniência, visando ajustar os textos ao que já se acredita, vale o que disse Ehrman: *“Estudos acadêmicos devem ser baseados em evidências e argumentos, e não fundamentados no que se gostaria de pensar.”*

Quanto aos profetas em si, vejamos, em ***Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns*** (1999), o que teólogo Hans Küng (1928-2021), disse ao mencionar os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel, categoricamente afirma:

**[...] Esses porta-vozes não pretendem anunciar um futuro distante, mas sim prescrever, repreender, examinar e advertir no presente. <sup>(171)</sup>**

Por outro lado, verificamos que, de forma surpreendente, a grande maioria das supostas

profecias é tirada do livro de Isaías; entretanto, cabe-nos, por respeito a você, caro leitor, fazer algumas considerações sobre este livro. Novamente, recorreremos à **Bíblia de Jerusalém** que coloca:

Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. **Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos.** O livro que traz o seu nome é o resultado de um longo processo de composição, **impossível de reconstituir em todas as suas etapas.** [...].

**O livro recebeu acréscimos mais consideráveis ainda. Os caps. 40-55 não podem ser obra do profeta do século VIII.** Não só nunca é mencionado aí o seu nome, mas também o contexto histórico é posterior cerca de dois séculos: Jerusalém foi tomada, o povo se acha cativo em Babilônia, **Ciro já está em cena e será o instrumento da libertação.** Sem dúvida, a onipotência divina poderia transportar um profeta a um futuro longínquo, retirá-lo do presente e alterar as imagens e seus pensamentos. Mas isso supõe o desdobramento dos contemporâneos – para os quais ele foi enviado – os quais não têm paralelo na Bíblia e são contrários à própria noção de profecia, a qual não faz intervir o futuro senão como ensinamento para o presente. **Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo, continuador de Isaías** e grande

profeta, como ele, o qual, na falta de um nome melhor, **chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías**. Pregou em Babilônia entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C. – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. [...].

[...] Os oráculos dos caps. 1-39 eram geralmente ameaçadores e cheios de alusões aos acontecimentos dos reinados de Acaz e de Ezequias; os dos **caps. 40-55 estão desligados deste contexto histórico** e são consoladores. O julgamento cumpriu-se na ruína de Jerusalém, o tempo da restauração está próximo. Será uma renovação completa e este aspecto é sublimado pela importância dada ao tema de Deus criador, unido ao de Deus salvador. **Um novo êxodo, mais maravilhoso do que o primeiro, reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, mais bela que a primeira.** [...].

**A última parte do livro (caps. 56-66) tem sido considerada como obra de outro profeta**, denominado “Trito-Isaías”, Terceiro Isaías. Hoje, geralmente se reconhece que é uma coletânea diversificada. [...]. <sup>(172)</sup>

Veja bem; um livro é composto de várias coletâneas que não se sabe quem são realmente os autores; e ainda têm coragem de afirmar que é “inspirado por Deus”... Tudo que já dissemos antes

vem se confirmar nesses textos que acabamos de colocar.

No artigo “O desafio de entender Jesus”, publicado na **Revista Galileu Especial nº 2 - Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica** (julho/2003), o jornalista José Tadeu Arantes, registra a opinião do teólogo Pe. Fernando Altemeyer Júnior, que vem justamente ao encontro do que observamos nessa pesquisa:

Esses relatos misturam, com muita liberdade, fatos históricos e efeitos mitológicos, e atribuem a cada episódio um significado transcendental. **“Há neles uma clara tentativa de adaptar os detalhes da vida de Jesus às profecias do Antigo Testamento”**, comenta o teólogo Fernando Altemeyer Júnior, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <sup>(173)</sup>

Pensamento idêntico vamos encontrar na obra **A Última Semana** (2005), de autoria de Marcus J. Borg e John Dominic Crossan, que valerá a pena transcrevê-lo:

Nós vemos o relacionamento entre a Bíblia Judaica e o Novo Testamento de modo

muito diferente dos principais estudiosos. A Bíblia Judaica era a escritura sagrada dos primeiros cristãos e muitos deles a conheciam bem, alguns por ouvi-la oralmente, outros por serem capazes de lê-la. Assim, enquanto contavam a história de Jesus, eles usavam linguagem da Bíblia judaica para fazê-lo.

**Essa prática produziu o que chamamos de “profecia historicizada”. Uma narrativa do passado (neste caso, da Bíblia judaica) é “historicizada” ao ser usada em uma narrativa subsequente (os evangelhos e o Novo Testamento).** “Historicizar” aqui não torna algo histórico ou historicamente factual. Simplesmente significa usar uma passagem antiga em uma história mais nova na tentativa de ligar essa história mais nova à tradição anterior e lhe dar – credibilidade

Para ilustrar o processo, usamos dois exemplos de Mateus, o mestre da profecia “historicizada” Em sua história sobre a infância de Jesus, Este e sua família voltavam do Egito depois de terem fugido para lá escapando à perseguição de Herodes. Mateus disse que a volta deles cumpriu uma passagem do profeta Oseias: “Do Egito chamei meu filho (11:1).” Em Oseias, essa passagem refere-se ao êxodo. Fala do amor de Deus por Israel e as coisas que Deus fez por ele, em especial a libertação durante o êxodo – Deus está “chamando seu filho”, Israel, “do Egito”. Mateus pegou essa passagem e disse que

ela referia-se a Deus chamando seu “filho” – Jesus – do Egito. Isso foi uma profecia historicizada: usar uma passagem do Velho Testamento para narrar uma história posterior.

Em um segundo exemplo, Mateus conta a história do suicídio de Judas, perto do fim de seu evangelho; ele “historiciza” uma passagem dos profetas ligando-a ao preço da traição de Jesus: trinta moedas de prata. Em 27:9, Mateus ecoa uma passagem de Zacarias 11:13 (erradamente atribuída a Jeremias), que se refere a trinta shekels de prata sendo devolvidos ao tesouro do templo.

Algumas vezes é difícil discernir se a “profecia historicizada” está sendo usada para comentar algo que aconteceu ou se está sendo usada para gerar uma narrativa ou um detalhe em uma narrativa. Mas esse discernimento não é nossa preocupação atual. O ponto a enfatizar é o uso de passagens da Bíblia judaica ao narrar a história de Jesus e *sua influência sobre a estrutura interpretativa do narrador*. <sup>(174)</sup> (itálico do original)

Também podemos ver algo interessante em Tom Harpur, sobre a atitude de Mateus em querer ligar tudo a respeito de Jesus como se fosse cumprimento de alguma profecia. Vejamos na sua obra ***O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e***

## ***o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus*** (2004):

A técnica de Mateus de esquadriñar o Velho Testamento em busca de “profecias” adequadas para servir de suporte à sua narrativa empresta a esse Evangelho um sentido aparentemente de história judaica autêntica. Mas **todo esse edifício desaba quando se percebe que essas supostas profecias foram todas cumpridas no Velho Testamento e podem ser inteiramente explicadas sem nenhuma referência futura de espécie alguma.** Com frequência, no Novo Testamento, elas foram tiradas do contexto e distorcidas a ponto de se tornarem irreconhecíveis. As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a projetar (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos. <sup>(175)</sup>

Diante de tudo isso, vemos como de necessidade urgente uma completa revisão nos conceitos teológicos tradicionais, para buscar a “*verdade que liberta*”, sob pena de causar, cada vez mais, incrédulos.

Ora, um livro de inspiração divina nunca

poderia levar pessoas ao ateísmo; se isso está ocorrendo é porque existe alguma coisa errada. O que está errado? Pensamos que os teólogos do passado, por mais sábios que pudessem ser, não possuíam uma visão holística dos fatos; sempre colocavam os textos bíblicos sob o seu estreito ponto de vista. E não há como negar que o homem avançou de maneira considerável, principalmente no campo das ciências. Isso vem provocando uma revisão completa nos conhecimentos do passado; só que ainda essa revisão não teve como alvo a teologia tradicional.

A humanidade, hoje, mais questionadora, e indubitavelmente mais exigente, não quer aceitar mais nada sem o crivo da razão e da lógica. E, quando resolver passar a Bíblia por esse crivo, as coisas irão complicar-se, já que a maioria das correntes religiosas tradicionais terá que modificar seus conceitos, sob pena de continuarem formando mais ateus que crentes. Desejamos, com tudo isso, fazer um urgente pedido de socorro: Vamos separar na Bíblia o joio do trigo para o próprio bem dela.

Agora, como reflexão final, colocaremos o

complemento do pensamento de um Espírito que se identificou como Erasto, registrado em **O Livro dos Médiuns**:

Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria. Com efeito, sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá delas vos afirmar a autenticidade. <sup>(176)</sup>

Destacamos: “Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria”; quem segue esse conselho ficará livre de dissabores no amanhã.

## Referências Bibliográficas

- A Bíblia Anotada**, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB**, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista. 3ª imp. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino**, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada**, 14ª imp. São Paulo: Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.
- Bíblia Sagrada**, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada**, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada**, 5ª edição, Aparecida (SP): Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada**, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada**, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

- Bíblia Sagrada**, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada**, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada**, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd**, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das**. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1982.
- ARANTES, J. T. **O Desafio de Entender Jesus**. in. *Galileu Especial nº 2*, julho 2003, p. 12-21.
- ARIAS, J. **Jesus Esse Grande Desconhecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, K. **A Bíblia: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ASLAN, R. **Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BARRERA, J. T. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. **A Última Semana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athane, 1995.
- CARPENTER, E. **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.

- CASSANO, R. R. **O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos**, in. KENYON, J. D. (org). *O Que a Bíblia Não nos Contou: a História Secreta Sobre as Heresias da Religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 29-36.
- CROSSAN, J. D. **Jesus: Uma Biografia Revolucionária**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.
- CROSSAN, J. D. **Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- EHRMAN, B. D. **Como Jesus se Tornou Deus**, São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. **Evangelhos Perdidos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. **O Problema Com Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- EHRMAN, B. D. **Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. **Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- HARPUR, T. **O Cristo dos Pagãos: A Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARRIS, S. **A Morte da fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- JOHNSON, P. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.

- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KENYON, J. D. (org). **O Que a Bíblia Não Nos Contou: a História Decreta Sobre as Heresias da Religião Oriental**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KRAMER, S. N. **Mesopotâmia, o Berço da Civilização**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- KÜNG, H. **Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns**. Campinas, SP: Verus, 2004.
- LENTSMAN, J. A. **A Origem do Cristianismo**. São Paulo: Fulgor, 1963.
- LETERRE, A. **Jesus e sua doutrina: a distinção entre o cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600**. São Paulo: Madras, 2004.
- MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis - RJ: Vozes; Aparecida - SP: Santuário, 1996.
- PAGELS, E. **Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Vol. 1**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.
- RODRÍGUEZ, P. **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada**. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SCHULTZ, S. J. **A História de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

TABOR, J. D. ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VERMES, G. ***A Religião de Jesus, o Judeu***. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

VERMES, G. ***Natividade***. Rio de Janeiro: Record, 2007.

### **Periódico:**

Revista das Religiões. *Coleção Grandes Heróis Bíblicos. I – Profetas*. Edição 01. São Paulo: Editora Abril, s/d.

Galileu Especial, nº 2, *Cristianismo: Jesus e os Mistérios Que a Bíblia Não Explica*. Rio de Janeiro: Editora Globo, julho/2003.

### **Internet:**

Imagem capa: *Profeta Isaías*, disponível em:

<http://2.bp.blogspot.com/-BI36aQzxx8/TsPiiRgnt9I/AAAAABIY/28IjeID5tHE/s1600/ISA%25C3%258DAS6.BMP>. Acesso em: 09 nov. 2021.

CAVALCANTI, J. *Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?*, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9QE\\_uAqTauU](https://www.youtube.com/watch?v=9QE_uAqTauU). Acesso em: 11 ago. 2022.

DANNEMANN, Autoria da frase “A emenda saiu pior que o soneto”, disponível em:

<http://fernandod.com.br/press.php?texto=793>. Acesso em: 10 nov. 2021.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Morte de Jesus Foi Para Remissão de Pecados?*, link: <https://paulosnetos.net/article/a-morte-de-jesus-foipara-remissao-dos-pecados-ebook>. Acesso em: 04 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Nascido de Uma Virgem*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/nascido-de-uma-virgem-ebook>. Acesso em: 04 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>. Acesso em: 04 set. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Será que os Profetas Previam a Vinda de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previam-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>. Acesso em: 04 set. 2024.
- WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/projects/the-jesus-seminar/>
- WIKIPÉDIA, *Bart D. Ehrman*, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bart\\_D.\\_Ehrman](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bart_D._Ehrman). Acesso em: 06 fev. 2025.
- WIKIPÉDIA, *John Dominic Crossan*, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Dominic\\_Crossan](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dominic_Crossan). Acesso em: 18 abr. 2025.
- WIKIPÉDIA, *Nostradamus*, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nostradamus>. Acesso em: 06 fev. 2025.

## Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Vários artigos e ebooks de sua autoria estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** ([https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem\\_autor.htm](https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm)).

Livros publicados por Editoras:

**a) impressos:** 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

**b) digitais:** 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

*Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; e 32) Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: [Paulosnetos@gmail.com](mailto:Paulosnetos@gmail.com)

- 1 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previram Episódios da Vida de Jesus?*, disponível em:  
<https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>
- 2 WIKIPÉDIA, *Nostradamus*, disponível em:  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nostradamus>
- 3 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 36-37.
- 4 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 49.
- 5 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 53.
- 6 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 39.
- 7 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada*, p. 188.
- 8 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 36.
- 9 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1237-1238.
- 10 *Bíblia do Peregrino*, p. 1685.
- 11 *Bíblia do Peregrino*, p. 1772.
- 12 *Bíblia do Peregrino*, p. 1813,
- 13 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 889-890.
- 14 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1238-1239.
- 15 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 950-951.
- 16 *Revista das Religiões. Coleção Grandes Heróis Bíblicos. I - Profetas*. Edição 01, p. 32-34.
- 17 WIKIPÉDIA, *Bart D. Ehrman*, disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bart\\_D.\\_Ehrman](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bart_D._Ehrman)
- 18 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia? Por que os Autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 147.
- 19 *Dicionário Prático Barsa*, p. 221.
- 20 VERMES, *A Religião de Jesus, o Judeu*, p. 62.
- 21 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, 2008, p. 180.
- 22 N.T.: Como o leitor poderá constatar por si próprio, é muito fácil encontrar *profecias* na Bíblia. Experimente

fazer o que nós mesmos fizemos: ao abrirmos a Bíblia ao acaso, saíram-nos as páginas 704-705; quando começámos a ler, deparamos com este versículo: “Mesmo que se forme contra mim um exército, o meu coração manter-se-á firme. Mesmo que parta em guerra contra mim, não deixarei, mesmo então, de continuar tranquilo” (Sl 27, 3). A uma primeira leitura, é evidente que se trata de uma *profecia* claríssima de “Rambo” – especialmente do seu filme *O Encurralado*; ou talvez de um filme de James Bond; ou, melhor ainda, do líder sectário David Koresh, mortalmente cercado pelas forças especiais do FBI, no seu rancho de Waco; mas também pode estar a referir-se ao cerco final de *Che* Guevara em La Higuera pelo exército boliviano; ou, talvez seja uma descrição perfeita do comportamento do valente e honesto monsenhor Oscar Romero, assassinado em El Salvador; ou ainda pode estar a *profetizar* a detenção de Jesus de Nazaré por toda uma coorte do exército romano; ou, talvez...

- <sup>23</sup> RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 193-194.
- <sup>24</sup> EHRMAN, *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia*, p. 246-251.
- <sup>25</sup> *Bíblia do Peregrino*, p. 1772.
- <sup>26</sup> *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 889-890 e *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 947.
- <sup>27</sup> *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1343.
- <sup>28</sup> *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 941.
- <sup>29</sup> *A Bíblia Tradução Ecumênica*, p. 493.
- <sup>30</sup> SILVA NETO SOBRINHO, *A Morte de Jesus Foi Para Remissão de Pecados?*, link: <https://paulosnetos.net/article/a-morte-de-jesus-foi-para-remissao-dos-pecados-ebook>

- 31 WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/projects/the-jesus-seminar/>
- 32 CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 159.
- 33 CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 163.
- 34 ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 21.
- 35 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>
- 36 PAGELS, *Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*, p. 114.
- 37 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 959.
- 38 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1346.
- 39 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1350.
- 40 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 64.
- 41 VERMES, *Natividade*, p. 37.
- 42 *Bíblia Paulinas*, 1957, p. 1178.
- 43 DANNEMANN, Autoria da frase “A emenda saiu pior que o soneto”, disponível em: <http://fernandod.com.br/press.php?texto=793>
- 44 VERMES, *Natividade*, p. 40-42.
- 45 LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 174-175.
- 46 PAGELS, *Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*, p. 114.
- 47 N.T.: Mateus 13:31-50.

- 48 N.T.: Mateus 5:17.
- 49 N.T.: Mateus 5:11; 10:17-23.
- 50 N.T.: Mateus 24:9-12.
- 51 N.T.: Gênesis 16:11; Juízes 13:3-5; Gênesis 17:15-21.
- 52 N.T.: Mateus 8:17; Isaías 53,4.
- 53 N.T.: Mateus 5:1.
- 54 N.T.: Mateus 5:19.
- 55 N.T.: Mateus 5:21-39.
- 56 N.T.: Mateus 5:38-48.
- 57 N.T.: Mateus 9:13; Oseias 6:6 cf. Aboth de Rabba Natham 1.4.11a.
- 58 N.T.: Mateus 7:12 cf. B. Shabbat 31a.
- 59 N.T.: Mateus 12:16, 41, 42.
- 60 N.T.: M. Pirke Avoth 3:3, in C.C. Montefiore e H. Lowe (orgs), *A Rebbinic Anthology*, Nova York, 1974, p. 23.
- 61 N.T.: Mateus 18:20; Galambush, *Reluctant Parting*, p. 67-68.
- 62 ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*, p. 73-74.
- 63 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 955.
- 64 N.T.: Quanto a discussões representativas sobre este texto, identificando-o com o Messias, veja Burnes e Kissane, no seu comentário sobre essa referência. Cf. também Allis, **op. cit.**, pág. 12, e E. J. Young, **Studies in Isaiah** (Londres: Tyndale Press, 1954), págs. 143-198.
- 65 SCHULTZ, *A História de Israel no Antigo Testamento*, p. 292-293.
- 66 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 226.
- 67 CROSSAN, *Jesus: Uma Biografia Revolucionária*, p. 33.
- 68 CROSSAN, *Jesus: Uma Biografia Revolucionária*, p. 34.
- 69 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 324.

- <sup>70</sup> *Bíblia Anotada*, p. 859.
- <sup>71</sup> *Bíblia Anotada*, p. 859.
- <sup>72</sup> *Bíblia de Jerusalém*, p. 1265.
- <sup>73</sup> LETERRE, *Jesus e sua doutrina: a distinção entre o cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600*, p. 29.
- <sup>74</sup> O termo *neânis*, segundo pudemos deduzir, significa solteira.
- <sup>75</sup> BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 369.
- <sup>76</sup> BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 621.
- <sup>77</sup> BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 398.
- <sup>78</sup> PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho. Vol. 1*, p. 55.
- <sup>79</sup> ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 61.
- <sup>80</sup> LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 175.
- <sup>81</sup> Nota da Transcrição (N.T.): Todas as traduções da Bíblia foram feitas por mim, exceto se indicado de outra forma. Empreguei itálico para enfatizar determinadas partes.
- <sup>82</sup> A maioria das bíblias o nome citado é rei Acáz, e não Ahaz.
- <sup>83</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 60.
- <sup>84</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 336.
- <sup>85</sup> Isaías 7:14. Essa é uma tradução literal do versículo, não segue a versão tradicional da Bíblia de Jerusalém.
- <sup>86</sup> N.T.: Isaías 9:1.
- <sup>87</sup> N.T.: Isaías 9:5-7.
- <sup>88</sup> ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*. p. 25.

- <sup>89</sup> N.T.: Ver B. M. Metzger e M. D. Coogan (eds), *The Oxford companion to the Bible* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1993), pp. 789-90, e A. N. Wilson, *Jesus: A live* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 79. Já foram observados muitos outros pares de citações entre o Velho e o Novo Testamentos que não sustentam: Mat 2,3-5 e Miq. 5,2; Mat. 2,16-18 e Jer. 31,15/Gên. 35,19; Mat. 8,18 e Isa. 53,4; Mat. 12,18 e Isa. 42,1-4; Mat. 13,53 e Sal. 78,2; Mat. 21,5 e Zac. 9,9/Isa.62,11. Mat. 27,9-10 afirma cumprir uma profecia que atribui erroneamente a Jeremias, quando, na realidade, aparece em Zacarias 11,12 – eis aí mais evidências de que “A Bíblia não erra”.
- <sup>90</sup> Era considerável o estigma ligado à ilegitimidade entre os judeus no século I d.C. Ver S. Mitchell, *The gospel according to Jesus* (Nova York: HarperColins, 1991).
- <sup>91</sup> Ver *ibid.*, p. 78, e J. Pelikan, *Jesus through the centuries* (Nova York: Haper and Row, 1987), p. 80.
- <sup>92</sup> HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*, p. 109.
- <sup>93</sup> HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*, p. 204.
- <sup>94</sup> VERMES, *Natividade*, p. 74-79.
- <sup>95</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 76.
- <sup>96</sup> N.T.: Essa é a chamada visão elvídica, em homenagem a Elvídio, um escritor cristão do século IV, que Jerônimo procura refutar. Eusébio, o historiador da igreja do século IV, cita regularmente fontes antigas e refere-se a irmãos de Jesus “segundo a carne”, certamente concebendo-os como filhos de Maria e José. Consulte Eusébio, *Churc History* 2.23;3.19.
- <sup>97</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 90.
- <sup>98</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 340.
- <sup>99</sup> N.T.: Tertuliano, *De Spectaculis* 30.

- <sup>100</sup> N.T.: Book of the Resurrection of Christ by Bartholomew the Apostle 1.6-7.
- <sup>101</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 250-251.
- <sup>102</sup> CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 108.
- <sup>103</sup> ARIAS, *Jesus Esse Grande Desconhecido*, p. 111-112.
- <sup>104</sup> N.T.: Ver F. Nork, *Der Mystagog*, Leipzig.
- <sup>105</sup> N.T.: Isso foi dito por seus discípulos (ver *Pagan Christs*, de Robertson, p. 338).
- <sup>106</sup> N.T.: Vide Plutarco em Ísis e Osíris.
- <sup>107</sup> N.T.: *Ancient Art and Ritual*, de Jane E. Harrison, cap. I.
- <sup>108</sup> N.T.: Vide Ezequiel 8:14.
- <sup>109</sup> N.T.: Uma descoloração causada pela terra vermelha que escorre das montanhas com a chuva que foi observada por viajantes modernos. Para obter a história completa de Adônis e de Attis, leia *Golden Bough*, de Frazer, parte IV.
- <sup>110</sup> N.T.: Cox, *Myths of the Aryan Nations*, p. 107.
- <sup>111</sup> N.T.: *Bhagavat Gita*, capítulo XI.
- <sup>112</sup> N.T.: *I Apol.*, capítulo 66.
- <sup>113</sup> N.T.: *De Praescriptione Hereticorum*, c. 40; *De Bapt.* c. 3; *De Corona*, c. 15.
- <sup>114</sup> N.T.: Para referência desses dois exemplos ver *Pagan Christs*, de J. M. Robertson, pp. 321 e 322.
- <sup>115</sup> N.T.: O signo zodiacal de Capricórnio ver *infra* (cap. III).
- <sup>116</sup> N.T.: Veja *Encycl. Brit.* art. "Chronology".
- <sup>117</sup> N.T.: "No entanto, existe uma dificuldade em aceitar o dia 25 de dezembro como a data verdadeira do nascimento de Cristo, uma vez que dezembro é o mês com maior incidência de chuva na Judéia, quando os rebanhos e os pastores não poderiam estar à noite nos campos de

Belém". *Encycl. Brit.* art. "Christmas Day". De acordo com a *Hastings's Encyclopaedia*, art. "Christmas", "Usener diz que a festa do nascimento era feita originalmente no dia 6 de janeiro (a Epifânia), mas no ano de 353-4 o papa Libério a mudou para o dia 25 de dezembro... mas não há evidências de festas para celebrar a data antes do século IV a.C.". Apenas em 534 d.C. o Natal e a Epifânia passaram a ser considerados *dies non*.

- 118 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 15-19.
- 119 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 35-36
- 120 N.T.: Baring Gould, em seu livro *Orig. Relig. Beliej*, l. 401, diz: "Entre os Hindus antigos, Soma era uma divindade; ele é chamado de Provedor da Vida e da Saúde... Encarnou entre os homens, foi pego por eles, morto e triturado em um almofariz (aparentemente um deus de cereal e vinho). Mas ele ressuscitou das chamas e subiu ao céu para ser 'Benfeitor do Mundo' e o 'Mediador entre Deus e o homem. Por meio da comunhão com ele em seu sacrifício, o homem (que partilhava desse deus) tem uma confirmação de imortalidade, pois com esse sacramento obtém união com sua divindade'."
- 121 N.T.: Ver uma considerável lista no livro de Doane, *Bible Myths*, cap. XX.
- 122 N.T.: *Hist. Sanskrit Literature*, p. 80.
- 123 N.T.: Ver o livro de Kingsborough, *Mexican Antiquities*, vol. VI.
- 124 N.T.: Ver *Apologia*, de Tertúlio, c. 16; Ad aciones, c. XII.
- 125 N.T.: Cap. IX, V. 16.
- 126 N.T.: *Primitive Folk*, cap. VI.
- 127 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 89-91.
- 128 N.T.: Mateus 16:23; *Mahāparinibbna-Sūtta* 61.

- 129 CAMPBELL, *As Máscaras de Deus – Mitologia Oriental*, p. 203-205.
- 130 CASSANO, *O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos*, in: KENYON, (org). *O Que a Bíblia Não nos Contou: a História Secreta Sobre as Heresias da Religião Oriental*, p. 29-36.
- 131 KRAMER, *Mesopotâmia, o Berço da Civilização*, p. 169.
- 132 SILVA NETO SOBRINHO, *Nascido de Uma Virgem*, link: <https://paulosnetos.net/article/nascido-de-uma-virgem-ebook>
- 133 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 957.
- 134 *Bíblia Sagrada – Barsa*, p. 581.
- 135 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 898.
- 136 *Bíblia Anotada*, p. 905.
- 137 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 947.
- 138 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 72.
- 139 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 890.
- 140 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 191.
- 141 *Bíblia Sagrada – Barsa*, p. 603.
- 142 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 985-986.
- 143 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1239.
- 144 N.T.: Alguns estudiosos consideram o “servo” como um indivíduo (não a nação, ou parte da nação de Israel), uma espécie de representante do povo como um todo. Se essa visão fosse partilhada também pelos antigos leitores, isso levaria naturalmente à compreensão dos cristãos de que o indivíduo não era outro que não seu messias, Jesus. Ver a próxima nota.
- 145 N.T.: Para outras interpretações do “servo sofredor”, ver qualquer bom comentário sobre 2 Isaiás, como Richard J. Clifford. *Fair Spoken and Persuading: An Interpretation of Second Isaiah*. Nova York: Paulist, 1984, ou Christopher

- Seitz: 'The Book of Isaiah 40-66", em *The New Interpreter's Bible*, organizada por Leander Keck. Nashville: Abingdom, 2001, vol. 6, p. 307-551.
- <sup>146</sup> EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 74-78.
- <sup>147</sup> *Bíblia de Jerusalém*, p. 1263-1264.
- <sup>148</sup> TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 346.
- <sup>149</sup> *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 957.
- <sup>150</sup> N.T.: Quanto a discussões representativas sobre este texto, identificando-o com o Messias, veja Burnes e Kissane, no seu comentário sobre essa referência. Cf. também Allis, **op. cit.**, pág. 12, e E. J. Young, **Studies in Isaiah** (Londres: Tyndale Press, 1954), págs. 143-198.
- <sup>151</sup> SCHULTZ, *A História de Israel no Antigo Testamento*, p. 292-293.
- <sup>152</sup> N.T.: Neste ponto, o redactor das notas de rodapé da Bíblia católica de Nacar-Colunga continua a manipular o sentido do texto de Isaías ao indicar que "os atributos que neste passo o profeta atribui ao Menino revelam-nos a alta ideia que Deus lhe havia comunicado a respeito desse rebento de David. Tais atributos raíam o divino, e o seu pleno sentido só se nos tornará claro com a revelação do Novo Testamento". Dito de outro modo, como, aliás, assinalámos no seu momento próprio, o que nunca foi dito no Velho Testamento será dado por dito no Novo.
- <sup>153</sup> RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 133.
- <sup>154</sup> WIKIPÉDIA, *John Dominic Crossan*, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Dominic\\_Crossan](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dominic_Crossan)
- <sup>155</sup> CROSSAN, *Jesus: Uma Biografia Revolucionária*, p. 41-42.
- <sup>156</sup> CAVALCANTI, *Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?*, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9QE\\_uAqTauU](https://www.youtube.com/watch?v=9QE_uAqTauU)

- 157 CAVALCANTI, *Por que Jesus não leu um trecho de Isaías numa sinagoga? Por que Jesus era analfabeto?*, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9QE\\_uAqTauU](https://www.youtube.com/watch?v=9QE_uAqTauU)
- 158 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1352.
- 159 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 950.
- 160 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 959.
- 161 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 37.
- 162 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 972.
- 163 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 946.
- 164 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1021.
- 165 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 971.
- 166 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1293
- 167 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 972.
- 168 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 973.
- 169 *Bíblia Sagrada – Santuário*, p. 1052.
- 170 Ocorrência de número: 10, 15, 20 e 22.
- 171 KÜNG, *Religiões do Mundo – Em Busca dos Pontos Comuns*, p. 194.
- 172 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1238-1239.
- 173 ARANTES, *O Desafio de Entender Jesus*. in. Galileu Especial nº 2, julho 2003, p. 16.
- 174 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 185-186.
- 175 HARPUR, *O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus*, p. 167.
- 176 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265-266.